

Educação: Um canal para o desenvolvimento sustentável

Escolas dão um novo uso aos resíduos jogados na natureza





Corpo e Movimento na Escola

Tania Marta Costa Nhary*

De um modo ou de outro, a vida é dependente direta do corpo. É tão óbvio, mas tão inconcluso o entendimento de corpo como vida. O corpo está sempre compreendido na trama social de sentidos de seus movimentos e manifestações. É assim que ele se torna uma unidade viva. A história do corpo é, principalmente, uma história da educação do corpo. Em cada época histórica a humanidade elaborou uma retórica sobre o corpo. Assim, como produtor e produto da cultura em que está inserindo, o corpo foi se “educando”. Logo, a educação incide sobre o corpo, visto que seus movimentos são banhados por ideologias, sonhos, desejos, necessidades, valores, padrões morais e culturais. Falar de corpo é também falar de Educação; é problematizar as práticas corporais nos diferentes contextos de atuação humana, o que inclui o espaço escolar.

Os ambientes lúdicos da escola, onde corpo e linguagem tomam forma e vida, são espaços de produção de sentidos das crianças, onde elas se defrontam com os outros, percebem o mundo em que vivem, fazem descobertas, sentem alegrias, dores, vivem desafios, apegos e conflitos que possibilitam uma (re)significação do mundo, uma (re)leitura do contexto sociocultural em que estão inseridas. Tomando consciência de seu corpo, de suas possibilidades de ação e de seus limites, a criança vai, pelo movimento corporal, evocando o sonho, a imaginação, o conhecimento, ou seja, construindo uma cultura corporal. Neste movimento dialético entre o seu mundo imaginativo e o real, ela vai se tornando sujeito ativo, que, sob

diferentes formas de linguagem, exprime uma visão de mundo que está também encarnada no corpo.

A movimentação dos corpos das crianças na escola provoca certo desequilíbrio. Espaços como as salas de aula, a quadra, os pátios, o horário de recreio, a rampa da escola, as festas e ritos ou os simples deslocamentos das crianças pela escola são lugares de efervescência, de vida, e como tal tendem a ser controlados. No entanto, a linguagem corporal, tão rica e tão intensa, manifestada nesses espaços, também é um enunciado, um pensamento, uma anunciação, uma cultura revelada num corpo em movimento e que promove vivências, estabelece vínculos afetivos, expressa anseios, revitaliza conteúdos culturais e uma série de relacionamentos sociais que vão abrindo possibilidades de mudanças no plano formativo, logo, educativo.

Quando conseguimos a difícil façanha de nos desencilhar do olhar viciado, das atitudes de extremo controle, do discurso pedagógico preconcebido, da opinião formada e das mesmas e engessadas práticas cotidianas, temos chance de entrar em contato com outras formas de lidar com velhas questões no campo da Educação: a docilização do corpo. Nada mais renovador que descortinar a poética do corpo das crianças na escola e perceber o sentido e o significado de seus gestos. Portanto, diante da grandeza do embate entre corpo e escola é preciso que se (re) conheça esse universo ambíguo que é a cultura do movimento corporal das crianças, e nossa tarefa é (re)construir referências para melhor compreendê-lo.

***Tania Marta Costa Nhary** é Mestre e Doutora em Educação e graduada em Educação Física.



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Claudia Sanches, Sandra Martins,
Tony Carvalho e Marcela Figueiredo

Estagiário
Luiz Felipe

Fotografia
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 67.000 (sessenta e sete mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Edlouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



A reconstrução do papel dos pais educadores

*Francisca Romana Giacometti Paris**

Nos dias de hoje, discussões e reflexões sobre as relações entre pais e filhos ocupam significativos espaços na mídia. A autoridade parental ganha foco nestes debates, uma vez que, embora haja consenso quanto a sua indispensável existência, vivenciamos um momento no qual muitas famílias protagonizam a verdadeira “soberania do infante”.

A maioria dos pais, perdidos entre as especificidades do desenvolvimento da criança e do adolescente e a necessidade de ensinar os comportamentos sociais esperados para a adaptação à vida em sociedade, procura formas interessantes de cumprir seu papel. Todavia, a busca deste novo modo de ser pai e educador causa-lhes muita insegurança, porque a vida não admite ensaios e lhes é cobrada uma atuação educadora diante dos filhos.

Durante muito tempo, e até mais ou menos três décadas atrás, o papel tradicional dos pais lhes permitia uma autoridade inquestionável. Os pais, autoritários, tendiam a controlar a vida dos filhos por meio de regras fixas e pouco diálogo. Determinavam o que devia ou não ser feito e usavam de coerção para a instituição da obediência. Todavia, tais procedimentos de ação parental passam a ser rejeitados quando se pretende abandonar um modelo familiar baseado no comando para estabelecer um padrão relacional baseado na negociação.

Há, neste movimento, a busca de uma forma de relação entre pais e filhos que precisa ser reinventada. Isso porque muitos pais não objetivam repetir o mesmo que experienciaram enquanto filhos.

O problema é que, na ausência de um parâmetro relacional vivido – posto que nos dias de hoje não se sabe utilizar as referências transmitidas em decorrência da espantosa transformação dos hábitos e posturas que se deu nos últimos cinquenta anos –, corre-se o risco de passar diretamente “de oito

a oitenta”. Ou, dizendo de outra maneira, nega-se a autoridade absoluta para adotar uma desastrosa permissividade.

Pensando estar agindo de maneira amistosa e democrática, pais permissivos são propensos a exigir pouco, praticar um controle muito fraco e satisfazer todos os desejos dos filhos. São presentes como grandes “coleguinhas”, mas são ausentes como pais. E ao observarmos os estilos de práticas parentais acima descritos, concluímos que a autoridade despótica e as atitudes punitivas drásticas dos pais autoritários são tão causadoras de problemas quanto os mimos exagerados dos pais permissivos.

É esperado que a legítima autoridade dos pais exista no sentido de dar limites para estabelecer a organização interna da criança e do jovem e fazer a mediação dos conflitos, pois a construção de relações familiares fundamentadas na participação e na negociação reivindica dos pais o estabelecimento de uma exigência compreensiva em relação aos seus filhos. Há que se cobrar responsabilidade desde quando eles são pequenos, para que tenham a clareza daquilo que podem ou não decidir e fazer.

Nesta direção, o autoritarismo e a permissividade cedem lugar à flexibilidade. Diante de regras que devem ser obedecidas, há espaço para negociações, no contexto dos quais os pais têm o direito e o dever de manter as regras, alterá-las e, quando necessário, também abandoná-las. Contudo, é preciso esclarecer que toda negociação deve acontecer por meio de muito diálogo. Caso contrário, pode-se propiciar o aparecimento de comportamentos arbitrários, o que confunde e atrapalha a educação dos mais jovens.

Encontrar modelos eficientes para promover uma forma “quase ideal” de ser pai e mãe é tarefa essencial para o fortalecimento de uma juventude não só autônoma, mas também mais responsável.

***Francisca Romana Giacometti Paris** é Pedagoga, Mestre em Educação, Diretora Pedagógica do Agora e do Ético Sistema de Ensino.

Podemos aprender com a Finlândia

Andrea Gouvêa Vieira



País com cinco milhões de habitantes, a Finlândia vem alcançando as melhores colocações no *ranking* do Pisa, o Programa Internacional de Avaliação de Alunos, aplicado em 65 países pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. No modelo alternativo adotado pelo país nórdico, em vez de exercícios, testes e ritmo frenético de estudos, a grande aposta é na qualificação do professor.

Autor do livro "Lições finlandesas: o que o mundo pode aprender com a mudança educacional na Finlândia?", Pasi Sahlberg, diretor de um fórum de estudos do Ministério da Educação daquele país, ensina o que já sabemos: a transformação no Brasil deve começar pelo acesso a um ensino de qualidade. É basicamente o que todo político diz, mas não faz. Enquanto que, no Brasil, as políticas públicas sofrem com a falta de continuidade, a Finlândia mantém uma política de ensino estável desde os anos 1970. Os governos mudaram, mas o mode-

lo educacional permaneceu, com pequenos ajustes. Todo o sistema escolar é financiado pelo Estado.

A Finlândia pode ser definida como o antídoto ao movimento de provas padronizadas e privatização de escolas públicas adotado por vários países. Nestes, os professores são remunerados com base em avaliações de desempenho, ganha mais quem ensina "melhor". Já a Finlândia ensina que é possível construir um outro modelo, sem milagre nem fórmula mágica. O que lá se fez foi o óbvio: entender a essência do bom ensino e do bom aprendizado. As crianças são vistas como indivíduos que têm diferentes necessidades e interesses. E o ato de ensinar deve ser uma profissão inspiradora, com um grande propósito, o de fazer a diferença na vida dos jovens. O foco é no bem-estar das crianças e no aprendizado da primeira infância.

A Finlândia também mostrou que igualdade de oportunidades melhora a qualidade do aprendizado. O autor diz que é preciso que o Brasil combata essa desigualdade de acesso e invista em um plano de carreira para os professores. Lá o magistério atrai muitos jovens. Um em cada cinco alunos que terminam o Ensino Médio tem esta carreira como primeira opção. Há dez vezes mais candidatos para programas

de formação de docentes para educação infantil do que vagas nas universidades. A Finlândia controla o nível dos professores na entrada e depois garante que só os melhores e mais comprometidos serão aceitos na profissão. São trabalhadores que recebem salários equivalentes aos de outras áreas com o mesmo nível de formação no mercado de trabalho.

Por aqui, a realidade é outra. Os professores recebem salários indigentes e o magistério é cada vez mais desprezado pelos estudantes. Simon Schwartzman, em recente artigo publicado em seu *blog*, afirma que nenhum sistema escolar é melhor do que a qualidade de seus professores, e esta é uma prioridade clara, que precisa ser tratada. Quanto à tecnologia, que é parte da vida das pessoas, é usada nas escolas finlandesas como ferramenta para o ensino e não para guiar o desenvolvimento educacional. Alguns professores a utilizam muito, outros raramente. O foco do sistema de educação é e continuará sendo a pedagogia entre pessoas. Podemos aprender muito com a Finlândia.

Andrea Gouvêa Vieira

Vereadora da Cidade do Rio de Janeiro
E-mail: falecomigo@andreaougouveavieira.com.br

www.appai.org.br

20º GRANDE
BAILE

Beneficente dos Associados da Appai



Ribalta Eventos
16/06/2012, das 19 às 24h
Av. das Américas, 9.650
Barra da Tijuca
Traje: Esporte fino



Reúna seus familiares e vizinhos para combater a dengue. E cuide da sua casa.

Febre alta com dor de cabeça, dor atrás dos olhos, no corpo e nas juntas, vá a uma Unidade de Saúde.

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES NESTA LUTA.

O SUS está com você no combate à dengue.



CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil

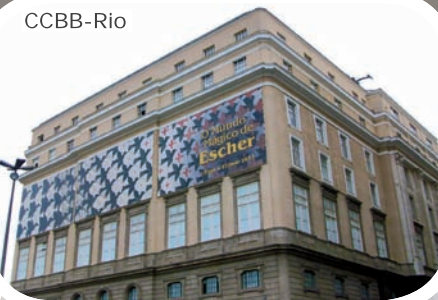
Realizados com o propósito de tornar-se referência na área de marketing cultural, os CCBBs – Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília – são hoje espaços multidisciplinares que oferecem programação regular com qualidade e diversidade, a preços acessíveis, dirigida a todos os segmentos da sociedade. No Rio de Janeiro, o CCBB está situado em um dos pontos históricos mais importantes do Centro da Cidade: rua Primeiro de Março.

Sede do Centro Cultural, o prédio do século XIX é um projeto do então arquiteto da Casa Imperial, fundador da Sociedade Propagadora das Belas-Artes e do Liceu de Artes e Ofícios, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1912). Nos meados dos anos 1980, a excelente localização agregada ao valor arquitetônico da construção levou o banco à escolha de reformar e adaptar o antigo prédio para transformá-lo em um dos maiores centros de referência de Educação e Cultura.

Inaugurado em 12 de outubro de 1989, o CCBB abriga nos seus 17 mil metros quadrados uma gama de atividades multimídia, incluindo espaços de exposição, salas de cinema e teatro, além de uma vasta biblioteca de acesso público, cujo acervo conta com mais de 125 mil exemplares. A multiplicidade de obras técnicas e científicas contribuiu para que a Biblioteca do CCBB se consolidasse como uma importante fonte de consulta nas áreas de Artes, Ciências Sociais, Filosofia e Literatura.

Aos visitantes são oferecidos um salão de leitura para 100 pessoas, três salas para coleção geral, um espaço de referência com enciclopédias e dicionários, uma sala de literatura infanto-juvenil – com mais de 2 mil títulos –, uma sala de multimídia e outra dedicada a edições especiais e obras raras, como as de Mozart Araújo e José Guilherme Merquior. Os visitantes têm a opção de empréstimo de livros na Biblioteca do CCBB mediante cadastramento e cumprimento de normas locais.

CCBB-Rio



CCBB-SP



CCBB-Rio



CCBB-Brasília



CCBB-Brasília



Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 – Centro – Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 3808-2020
Funcionamento: de terça a domingo, das 10 às 21 horas
Exposições, biblioteca, museu, arquivo histórico e memória CCBB
Entrada gratuita
Colaboração: Antônia Lúcia e Igor Borges



Ao som de novos saberes e a

Festival escolar é incorporado ao Projeto Político do Ceplim

Sandra Martins

Superção e protagonismo são as palavras-chaves do projeto *Fest Cult Ceplim*, um festival de atividades envolvendo a cultura corporal produzido por alunos e professores da Escola Estadual Pinto Lima (Ceplim), no centro da cidade de Niterói. Anexa a esta unidade de ensino está a Escola de Educação Especial Anne Sullivan, que matricula alunos na educação básica e segundo segmento do Ensino Fundamental no Ceplim.

A terceira edição do festival traz como novidade sua incorporação ao Projeto Político-Pedagógico da escola, em vista do sucesso alcançado nas versões anteriores. De acordo com seu coordenador, professor Vinícius Costa Pereira, o *Fest Cult Ceplim* conseguiu superar todos os obstáculos inerentes a uma instituição com inúmeras dificuldades, como a exiguidade do espaço para atividades culturais e esportivas. Recentemente o colégio ganhou uma quadra de pequenas dimensões (aproximadamente 20 x 5m) coberta e gradeada.

Durante dois dias, os estudantes dos três turnos, orientados por seus professores, se revezaram na apresentação de bandas, roda de capoeira, *street dance*, *free style* (com bola) e expuseram suas produções artísticas com *data show*. O júri para o desfile da "Miss Ceplim" foi formado pelos professores de Filosofia, Felipe "Filósofo", e de História, Felipe Mendes, com seus dotes de cantor e violonista, além da secretária escolar Hetineyse. Uma participação também importante foi de Silvana Nair, intérprete de Libras, que emprestou sua experiência de modelo fotográfico e de passarela na organização do desfile e apoio às candidatas.

Para manter um ritmo animado e envolvente, um casal de locutores com o apoio de um DJ (*disc jockey*) comandou o evento com falas produzidas a partir de um roteiro predefinido construído pelos próprios alunos. O objetivo do trabalho, segundo o professor Vinícius, foi oportunizar o protagonismo dos estudantes ajudando-os na construção e manutenção de um padrão elevado no processo educacional, com a ascensão do nível cultural e potencialização de suas competências e habilidades.

Ao trabalhar com o contexto cultural geral, e a partir dele, buscou-se envolver os



Trabalho, parceria, organização, empenho e animação: a afinação perfeita para um festival cultural



aprendizagens

alunos numa vida mais ativa e dinâmica, na qual eles conseguissem vislumbrar mais opções, cada vez mais ricas. “Internalizar o conhecimento, quanto mais de forma crítica e minimamente politizada, torna-se um sacrifício que muitos acabam não conseguindo realizar – nem mesmo enxergar. Busca-se atingir níveis satisfatórios, que os levem às condições de efetivamente ‘inclusos’ no mercado de trabalho e na vida social, cultural, política e econômica da(s) cidade(s) urbana(s) do modernismo do século XXI”, disse Vinícius, ao traçar o perfil das pessoas que procuram a escola pública, e também de seus alunos.

“Venho trabalhando há dois anos com este projeto, tentando mostrar a importância do festival. Todavia, descobri que enxergar os benefícios é também um processo, que deve ser realizado através da apropriação ativa”, completa, fazendo alusão aos ensinamentos do pensador Vygotsky. Ou seja, sem que os alunos vissem o projeto em execução, a proposta ficaria no campo das ideias, gerando possíveis frustrações.

Entre os itens que compuseram o processo avaliativo foram contabilizados o grau de envolvimento e participação nas atividades propostas para cada grupo, tanto na construção e na organização, como na apresentação. Através do empenho dos jovens, eles conseguiram parcerias importantes e doações que ajudaram a driblar o pequeno orçamento para a compra dos itens necessários para o bom andamento do projeto.

Com a inclusão do *Fest Cult Ceplim* no calendário da escola, devem ser agregadas outras atividades, tais como teatro, contação de histórias, declamação de poemas e poesias, apresentação de *stand up comedy*, jogos (semelhantes ao *quiz*, gincanas, improvisos): “Enfim, o que estiver diante do poder de criação e execução destes alunos que aprenderam a lição de que podem ser os autores de suas próprias histórias”, concluiu Vinícius Pereira, satisfeito com o trabalho realizado. ■



Escola Estadual Pinto Lima (Ceplim)
Rua São João, 127 anexo 2 – Centro – Niterói/RJ
CEP: 24020-042
Tel.: (21) 2717-1531
E-mail: franciscaferrandini@educacao.rj.gov.br
Coordenador: professor Vinícius Costa Pereira
Fotos cedidas pela escola



O *bullying* no tabuleiro

Jogo traz o diálogo para a sala de aula

Claudia Sanches

... nessa troca
de papéis
a gente
compreende
o outro

Seria possível discutir o *bullying* sem que o tema se torne chato e moralista, além de prevenir e combater as práticas de abuso de poder? Esse é o desafio de Silvio Costta, autor do livro *Antibullying – uma nova estratégia para o diálogo*, publicado pela Editora Paulinas.

A obra reúne importantes informações sobre o fenômeno e propõe uma atividade para a sala de aula: um jogo de tabuleiro onde o cenário é uma escola. Na trilha os jogadores se colocam nos papéis de vítimas, agentes e espectadores de situações de abuso de poder. Todos recebem cartas com perguntas, lidas durante as partidas, com questionamentos e informações sobre a história e a função da escola, alimentação, esportes e trabalho: “Às vezes nessa troca de papéis a gente compreende o outro”, justifica o escritor.

Silvio Costta é um profissional muito versátil: professor de Filosofia, jornalista, músico, bonequeiro e escritor. Mas o projeto do livro surgiu dentro da sala de aula com os ensinos Médio e Fundamental, onde, segundo ele, ocorre a maior parte dos constrangimentos: “Percebi no dia a dia que havia algo a ser feito. Como artista, sempre trabalhei a questão do lúdico. A ideia é abordar o tema de maneira informal, com mais leveza, sem ficar restringindo o que se pode ou o que não se pode falar”, justifica.

Professores participam de oficina. O livro-jogo é uma ferramenta que permite a discussão sobre o *bullying* de forma natural e capacita o educador a lidar com a questão



"Como artista, sempre trabalhei a questão do lúdico. A ideia é abordar o tema (...) sem ficar restringindo o que se pode ou o que não se pode falar."



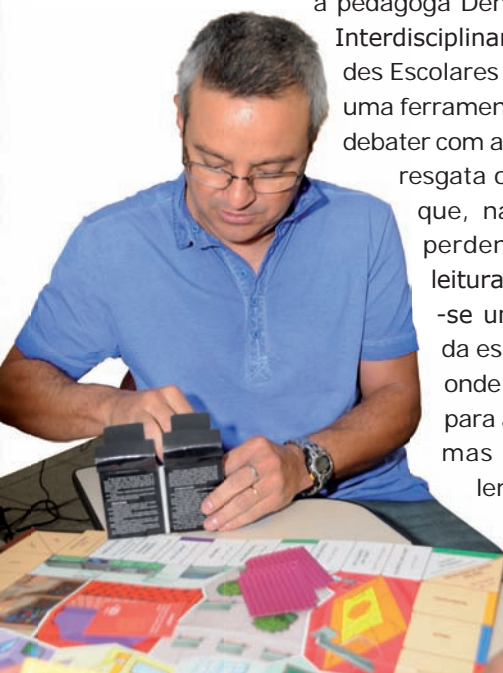
Jogando com os educadores

Outra proposta de Silvio é disponibilizar o jogo para os educadores. No Rio de Janeiro, no auditório da Editora Paulinas, o escritor ministrou oficinas a professores da Secretaria Municipal de Educação e da rede privada de ensino.

Segundo o autor do livro, grande parte dos educadores brasileiros não está preparada para lidar com a questão. Por outro lado, ele acredita que as famílias estejam vivendo uma grande crise de valores morais e éticos, e atribuem à escola a função de educar os filhos. Para que os profissionais não sejam pegos de surpresa o livro-jogo serve como uma ferramenta para a informação e o diálogo de uma forma divertida. Durante a partida discutem-se os valores, o papel de cada um, como vítima, espectador ou agente, e surgem as propostas de como canalizar o potencial de um agressor: "O agente pode direcionar sua energia para esportes ou para uma liderança positiva, por exemplo", sugere o autor.

Na oficina com os professores da rede municipal, os participantes aprenderam a jogar e discutiram sobre o que realmente caracteriza um *bullying*. Para

a pedagoga Denise Cruz, do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (Niap), o tabuleiro é uma ferramenta interessante para debater com as turmas, até porque resgata o conceito de escola, que, na sua opinião, está perdendo o sentido: "Na leitura das cartas aprende-se um pouco da história da escola, que é um lugar onde você vai não apenas para aprender conteúdos, mas também valores", lembra Denise.



A docente Lívia Farias, da 6ª CRE, gostou da proposta do livro porque mostra como a postura do espectador faz toda a diferença: "Conheço colegas que dizem: 'Não estou preparado para lidar com esse assunto', e é importante capacitar os profissionais. Os grupos de alunos se reconfiguram de acordo com o professor que gerencia a situação", completa. Outra questão levantada por Lívia e outros educadores foi a banalização do *bullying*. "Precisamos saber discernir o que realmente é assédio para ver o que é problema de fato", alerta a professora. O autor concorda que todo cuidado é pouco no momento de se diagnosticar uma situação dessa natureza. Selma Martins, assistente social da 1ª CRE, acredita que o *bullying* está ligado à dificuldade de lidar com as diferenças: "Para isso a Prefeitura está criando a campanha *Rio, escola sem preconceitos*, que vai ajudar a combater essas práticas no âmbito escolar".

De acordo com as regras, no jogo não há perdedores nem vitoriosos, nem se apontam culpados. No tabuleiro todos têm oportunidade de se colocar no lugar do outro como se fosse uma terapia em grupo. Para Silvio o grande mérito da obra é estimular a reflexão sobre o papel da escola: "Sempre vai existir essa forma de opressão. Mas o jogo abre um espaço para se pensar que tipo de sociedade nós estamos criando. O papel do professor é levar as pessoas a indagarem: 'por que você oprime o outro?', 'Tenho que me enquadrar nos padrões estabelecidos?'. A escola é um espaço para esses questionamentos. Temos que criar caminhos para diagnosticar os assédios e lidar com essa realidade da forma mais estratégica possível", conclui o escritor.

Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (Niap)
Centro Administrativo São Sebastião
Rua Afonso Cavalcanti, 455 – 4º andar – sala 418 –
Cidade Nova – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20211-110
Tel.: (21) 2976-2348



Rio+20 e ações pedagógicas – 6ª CRE em ação

Mostra propõe transformar ideias em atitudes e promove troca de experiências

Claudia Sanches

Quem diria, caixas de leite e coador de café usados servem de matéria-prima para confeccionar um charmoso porta-moedas e um prático porta-lápis. Esse é apenas um exemplo de que basta uma dose de imaginação para que se dê vida nova ao que é descartado. Essas são algumas das produções dos estudantes da 6ª CRE do Rio de Janeiro, expostas durante uma semana no Polo de Educação para o Trabalho Antenor Nascentes, unidade responsável por oficinas e capacitação profissional, localizado em Anchieta. Aproximadamente 90 unidades escolares da região participaram da apresentação.

A origem do projeto está ligada a um tema pra lá de atual, a Rio+20, conferência das Nações Unidas que farão um balanço dos últimos 20 anos da questão ambiental. A iniciativa faz parte da Secretaria Municipal

de Educação, que tem promovido várias ações para trabalhar a educação voltada para o meio ambiente.

Segundo Christiane Penha, gerente em Educação da 6ª CRE, responsável pelo acompanhamento das atividades ligadas às extensividades, a coordenadoria antecipou as comemorações, já que a sustentabilidade deve ser vivida no dia a dia. A meta é colocar em prática a filosofia dos “três erres”: “Temos que tratar do meio ambiente todos os dias na escola, levar os ‘erres’ para nossas vidas: reduzir e consumir com consciência; reaproveitar, como a gente pode ver através dos trabalhos dos alunos; e reciclar, dar um novo uso, uma nova roupagem aos resíduos”, explica Christiane.

Marilene Marques, professora da E.M. Charles Anderson Weaver, levou os trabalhos de suas turmas com o tema “Sustentabilidade todo dia”, uma experiência bem-sucedida com as crianças do primeiro segmento.

A semana de exposição dos trabalhos permitiu a troca de ideias e a integração entre os alunos e educadores das escolas

A educadora trabalhou o conceito de meio ambiente de dentro do ser humano para fora com objetivo de garantir o comprometimento de todos com a causa. Através de vídeos, música e arte com sucata eles perceberam que o futuro do planeta depende de cada um: "Partimos do amor-próprio e da convivência com o próximo, alimentação e higiene. Depois passamos para a manutenção de nossa casa e nossa escola. Na sequência nos dirigimos para o bairro em que moramos, caminhamos pelo entorno do colégio, observamos o rio poluído, falamos de conservação, limpeza e sobre a utilização dos bens, o desperdício da água e também do consumismo".

A E.M. Lia Braga Faria abordou o ambiente externo, a poluição das ruas, rios e as pichações. Depois foi a vez da campanha contra o cigarro e de um trabalho sobre energia alternativa. Entre uma observação e outra na oficina de marcenaria, e nas cortinas de tampas de garrafa *pet*, a coordenadora do colégio, Luziane Nascimento, comemorou o resultado do trabalho: "Agora tenho a visão de que cada um deve fazer a sua parte. Na minha escola retomamos a coleta seletiva e a escovação de dentes, e até alguns funcionários pararam de fumar. Praticando os 'três erres' damos novas funções ao lixo e deixamos de entupir os aterros sanitários".

Para Renato Toledo, que leciona Informática e ministra oficinas de tapeçaria no polo, o trabalho com sucata também propicia a integração e a parceria entre os grupos dos corpos docente e discente, além de promover a interdisciplinaridade. "Aqui tudo é reaproveitado. Transformamos resíduos em brinquedos, blocos de anotações, quadros, utilitários. Nós também dividimos o nosso lixo. Quando alguém precisa de um pedaço de madeira da oficina de marcenaria, vem aqui e pega uma sobra de material. Para confeccionar os tapetes, precisamos de fórmulas, e aí pedimos o apoio dos professores de Matemática. Nas oficinas de jogos também se estimulam conceitos numéricos e lógica", lembra.

A diretora do PET Antenor Nascentes, Margareth Lopes, confirma que a missão da exposição também é essa troca. Os alunos levam ideias para suas escolas, e os professores têm a chance de conhecer a prática de outros colegas. Solange Medeiros, do Ciep Adão Pereira Nunes, levou para o evento pulseiras bacanas feitas a partir de uma técnica de jornal retorcido, bolsas e sacolas plásticas que imitavam tricô, além de porta-treco confeccionado com caixas de leite e



Muita cor e criatividade: durante a mostra realizada no polo, o público pôde conferir experiências para proteger, na prática, o meio ambiente



coador de café usados, que davam um efeito diferente nas peças. O artesanato chamava atenção dos visitantes pela criatividade, e a professora Michelle Beserra, da Creche Municipal Professor Rogério Pedro Batista, queria mais informações sobre as técnicas. Solange ensinava às professoras das outras unidades, que já estão preocupadas com os brindes do Dia das Mães.

Para Christiane Penha, a proposta do evento foi cumprida: "Os educadores saíram daqui com ideias. Queremos propor uma troca, a semana é um pontapé inicial desse trabalho. Entendemos que a Educação deve ser um canal para o desenvolvimento sustentável. Não precisa ser no dia do meio ambiente, que deve ser lembrado todos os dias".

PET – Polo de Educação para o Trabalho Antenor Nascentes
Rua Romeu Casagrande, 37 – Parque Anchieta – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21625-380
Tel.: (21) 3339-1143
E-mail: petantenor@rio.rj.gov.br
Diretora: Margareth Lopes
Fotos: Marcelo Ávila



Combate à Dengue na escola

Alunos do segundo ano do Ensino Fundamental participam de projeto de combate ao mosquito transmissor da doença

Marcela Figueiredo

De acordo com levantamento da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, mais de 24 mil casos de dengue foram registrados somente nas onze primeiras semanas de 2012. Neste mesmo período, que vai de janeiro até a primeira quinzena de março, dois óbitos foram confirmados. Para evitar que este número cresça ainda mais, a educadora Renata Simões desenvolveu o projeto *Combate à dengue*, que visa conter o mosquito transmissor da doença.

Segundo a professora, devido ao alto índice de casos nos anos de 2010 e 2011, todas as escolas do município de Magé foram orientadas a trabalhar o tema com os estudantes. Renata, que leciona para

alunos do segundo ano do Ensino Fundamental, buscou informações sobre o assunto e foi até a Fundação Nacional da Saúde (Funasa) para aprofundar sua pesquisa e desenvolver o melhor método de trabalho com os jovens.

Devido à necessidade de levar a discussão para além dos muros da escola, o público-alvo do projeto foi também a comunidade local, moradores do entorno, e não somente os alunos. Durante dois meses, a Escola Municipal Risoleta Goulart da Silveira Matuck esteve mobilizada na campanha de combate ao *aedes aegypti*, desenvolvendo atividades voltadas para o esclarecimento de como o mosquito se prolifera, os



Estudantes durante visita às residências ao redor da escola para alertar sobre a necessidade de eliminar os possíveis focos do mosquito da dengue



cuidados necessários para não contrair a dengue e como tratar a doença. "Esse é um problema que está em evidência, e as crianças também precisam estar informadas sobre isso", diz Renata.

A educadora orientou os alunos que pesquisassem a respeito da dengue e sobre o mosquito transmissor da doença, e levou para dentro da sala de aula textos informativos sobre o tema. Foram também desenvolvidos trabalhos de pintura, confecção de cartazes e máscaras. Como forma de integração e difusão do conhecimento para a comunidade escolar, professora e alunos saíram em passeata pelas ruas da região e conversaram com os moradores sobre a importância de não acumular água parada e de eliminar os possíveis focos do inseto. "Nossos principais objetivos durante a execução do projeto foram a conscientização sobre os perigos do mosquito e reduzir os índices da doença na região", explica a professora.

A campanha *10 Minutos Contra a Dengue* foi lançada pela Secretaria de Estado de Saúde como o tom do alerta para evitar o alarme ocorrido durante o último verão. A ideia é estimular a população a investir 10 minutos por semana para eliminar possíveis criadouros em suas casas, já que o ambiente doméstico concentra 80% dos focos. A campanha foi levada para dentro da escola e lá os alunos também eram estimulados a dedicar 10 minutos por semana para eliminar os riscos da doença. ■

Escola Municipal Risoleta Goulart da Silveira Matuck
Rua dos Cravos, 190 – Gandê BNH – Magé – RJ
CEP: 25920-000
Tels.: (21) 7148-5246 / 8625-7080
E-mail: reelala@hotmail.com
Professora: Renata Simões
Diretora: Maria de Fátima
Fotos cedidas pela escola

Dicas para combater o mosquito e os focos de larvas

- *Mantenha a caixa d'água sempre fechada com tampa adequada*
- *Remova folhas, galhos e tudo que possa impedir a água de correr pelas calhas*
- *Não deixe a água da chuva acumulada sobre a laje*
- *Lave semanalmente por dentro com escovas e sabão os tanques utilizados para armazenar água*
- *Mantenha bem tampados tonéis e barris d'água*
- *Encha de areia até a borda os pratinhos dos vasos de planta*
- *Se você tiver vasos de plantas aquáticas, troque a água e lave o vaso principalmente por dentro com escova, água e sabão pelo menos uma vez por semana*
- *Guarde garrafas sempre de cabeça para baixo*
- *Entregue seus pneus velhos ao serviço de limpeza urbana ou guarde-os sem água em local coberto e abrigados da chuva*
- *Coloque o lixo em sacos plásticos e mantenha a lixeira bem fechada. Não jogue lixo em terrenos baldios*

Matemática só se aprende fazendo

Novas práticas e ações têm levado os alunos a repensarem o ensino das exatas

Antônia Lúcia



Usando o pátio como extensão da sala de aula o professor utiliza objetos do local para ensinar conteúdos da disciplina

Sem abrir mão dos livros e das constantes atividades de resolução dos exercícios, o professor de Matemática Carlos Inácio dos Santos Carvalho, do Ciep 279, tem provado por A+B que essa ciência lógica, temida por muitos, pode ser aprendida de uma maneira bem menos assustadora. De acordo com Carlos a sua fórmula é bem mais simples que as muitas oferecidas pela disciplina.

“Procuro em minhas aulas a maior interação possível com os alunos. Creio que esta dinâmica de aula facilita a compreensão e a aceitação do que está sendo ensinado”, comenta o professor. Usada praticamente em todas as nossas atividades diárias, seja em casa ao preparar uma receita de bolo ou uma jarra de suco, ainda assim os ensinamentos matemáticos são vistos como algo dispensável.

Na sala de aula ou no pátio aprender Matemática com o professor Carlos tem sido bem melhor que antes. “O aluno tem medo da disciplina por não vê-la como uma ferramenta útil em seu dia a dia. Por achar que ela não serve para nada além de deixá-lo de recuperação. A não inclusão da Matemática no contexto do aluno, para mim, é a grande vilã”, acredita.

Reunidos em grupos no pátio do Ciep, os alunos da turma 701 são convidados a vivenciar uma aula sobre números inteiros. A tarefa era bem simples. De um lado um grupo de meninas e, do outro, o de meninos. Cada equipe deveria desenhar no chão uma grande reta numerada e, andando por ela com uma folha

... esta dinâmica de aula facilita a compreensão e a aceitação do que está sendo ensinado

de atividades em mãos, resolver as expressões contendo números positivos e negativos.

“Trabalhar os conteúdos fora do ambiente da sala de aula, quase sempre, cria uma expectativa diferenciada de se estar praticando algo sério, mas de uma forma lúdica”, revela uma das alunas lembrando que o uso da Internet também tem contribuído para quebrar a rotina acadêmica. Uma das ferramentas da informação mais usadas por estudantes e professores têm sido os *blogs*. Para Carlos essa inserção à “Grande Rede” através do laboratório de informática foi um ganho imensurável para o crescimento dos bons resultados com as suas turmas.

“Como digo aos alunos, Matemática só se aprende fazendo e fazendo. O que busco é dinamizar o início de um trabalho, a introdução de um conteúdo, para que lhes pareça mais suave do que, às vezes, realmente é. Para isso, uso o espaço físico da escola e o laboratório de informática, procurando tirar o aluno da rotina de sempre estudar do mesmo jeito. A cada dia aprendo mais um pouco, mas os resul-



O que parece ser um simples cano, para Carlos e seus alunos torna-se um problema envolvendo as operações de adição, subtração, multiplicação, divisão e potenciação

Não existe fórmula mágica para ensinar Matemática, (...) qualquer mudança deve começar pelo docente

que seus filhos estão realizando –, bem como para todos que quiserem conferir nosso trabalho. O *blog* inicialmente era restrito ao 9º ano, mas aos poucos tenho inserido informações sobre as outras séries”, completa.

Não existe fórmula mágica para ensinar Matemática, adianta o professor enfatizando que toda e qualquer mudança deve começar pelo docente. “Se posso dar uma dica a alguém, acho que seria essa: incomode-se! Veja se pode, de alguma forma, fazer um pouco mais pelo seu aluno”, revela Inácio, que leciona na rede estadual desde 2005 e ano passado participou de um curso de aperfeiçoamento oferecido pelo Governo. “Após frequentar as aulas tive uma nova inspiração na forma de trabalhar”, conclui o docente de Matemática. Para visitar o *blog* do professor Carlos Inácio, acesse: <http://matematicaciep279.blogspot.com.br/>

tados já começam a aparecer”, garante. Para otimizar a aquisição dos conhecimentos dos estudantes, o professor de Matemática criou um *blog* em que os conteúdos da disciplina e as atividades realizadas são postados. Além da função social informativa, lá se pode encontrar área de pesquisas, indicações de *links* e *sites* ligados à ciência das exatas, bem como outras informações valiosas para os alunos.

“O uso da Internet e das redes sociais deve ser utilizado a nosso favor como elo entre os professores, a disciplina e os estudantes. O *blog* tem o objetivo de divulgar e dar ‘publicidade’ ao que estamos, eu e meus alunos, fazendo da Matemática no Ciep 279. Virou um espaço de interação e de informação para os jovens e seus pais – que podem acessar e conferir, por exemplo, o Currículo Mínimo e algumas atividades

Fonte: Ascom – Assessoria de Comunicação
Secretaria de Estado de Educação – RJ
Tel.: (21) 2333-0568
Fotos cedidas pela Assessoria.



No chão uma reta a giz; nas mãos um bloquinho de anotações...



E na cabeça muito cálculo... Assim se faz uma aula sobre operações com números inteiros



Arte e interatividade

Uma viagem no
tempo através
da arte

Claudia Sanches



Interatividade: os ateliês possibilitaram a jovens e visitantes recriar a partir das obras de grandes artistas

Quem viveu a adolescência ou a fase adulta nos anos 1980 se emocionou. Logo na entrada da escola, as “Bolinhas” penduradas nos estandes e a música da Legião Urbana na radiovitrola convidam a uma viagem no tempo. Durante a *Feira de Ciências Humanas*, realizada na Escola Santa Bárbara, os alunos do 9º ano até o Ensino Médio contaram a trajetória da arte e dos artistas desde a pré-história até a contemporaneidade.

Mas quem não viveu a chamada “década perdida” também descobriu um passado recente muito rico em música e cultura do Brasil pós-ditadura. “Esses vinis são dos meus pais, conheci as canções do Renato Russo através deles e adoro”, garantiu a aluna Maria Luiza, do 9º ano. Parte integrante do grupo, também falou sobre o surgimento da Aids, da Guerra Fria e de nomes como Mikhail Gorbachev, Indira Gandhi e Leonel Brizola.

O professor de História Marcelo Aurélio, orientador do trabalho, acredita que o projeto da feira foi uma realidade diferente para os estudantes: “O interesse dos alunos foi muito grande porque eles são carentes de trabalho de Artes. É uma novidade para o corpo docente também, estamos sendo pioneiros aqui em Campo Grande. Nem o livro didático aborda História da Arte, apenas citando os movimentos. Então construímos esse conhecimento em parceria e foi um local para eles se expressarem”.

Divididos em grupos, alunos e professores criaram um espaço de experimentação. No túnel do tempo, o visitante conheceu a arte pré-histórica e encontrou a manifestação artística no paleolítico até os egípcios e gregos. Ao longo das diferentes formas de expressão, das mais rústicas até as mais atuais, as pessoas puderam participar de atividades dentro do labirinto, assim como de uma simulação de escavação arqueológica.

Outros grupos falaram de manifestações artísticas das décadas de 1960 e 70 durante o regime militar, mostrando o Golpe de 64, cantores como James Brown, além de bandas como Beatles e Rolling Stones. As imagens das propagandas de cigarro da época, com mulheres fumando, a da Panair e das Pinups também se tornaram



Viagem no tempo: jovens expuseram escavações arqueológicas, monumentos do Antigo Egito e discos de vinil: ícones da trajetória da Arte ao longo da história da humanidade



uma atração e despertaram a curiosidade do público. Os “anos rebeldes”, como eram conhecidos, ficaram marcados pela pílula anticoncepcional e pela violação dos direitos humanos. As maquetes de alguns instrumentos e técnicas de tortura, como pau-de-arara, choque elétrico e líquidos entorpecentes impressionaram a garotada. Na parede a frase “Somos os filhos da revolução” traduz a revolta de uma geração pós-ditadura: “Por isso os artistas como Caetano e Gil foram extremamente reprimidos, porque isso é uma forma de crítica subjetiva. Os músicos da década de 1980 mostravam-se rebeldes por terem sido criados na repressão política”, conclui a aluna Taíssa.

Já os ateliês de pintura criados pelo 2º e 3º anos possibilitaram uma interatividade muito produtiva com os alunos do Ensino Fundamental e a comunidade escolar. Cada estande oferecia uma proposta de trabalho. A ideia era manter um diálogo com o público, explicar como os movimentos surgem e envolver os visitantes, que fizeram releituras e reproduziram as técnicas que eles apresentaram.

No estande dedicado às Artes Plásticas figuravam artistas como Degas e Renoir, e o jovem Yuri olhava para a tela e reproduzia uma obra de Monet, que é considerado o “pai” do movimento impressionista. “O importante é não misturar as tintas, segundo características dessa escola”, orientava uma das alunas do grupo. A turma do Cubismo mostrava as formas geométricas que inspiraram artistas, arquitetos e a indústria da moda. Para finalizar, os jovens se divertiram com o quebra-cabeças

de tangran.

A *Belle Époque* levou um pouco da magia das obras que retratam um período do pré-primeira-guerra: “Através das imagens estudamos a história e a cultura das pessoas que viviam aquele momento. O povo transformou esse duro período em arte”, explica Ana Luíza, que ofereceu um jogo

da memória com as imagens dos quadros. O grupo do movimento expressionista levou a experiência da ilusão de ótica através de pinturas e explorou a observação do público, que era desafiado a procurar as imagens “escondidas”. Com o convite “Faça o seu desenho” o estande do Surrealismo deu oportunidade de as crianças, como Lucas, do 5º ano, reproduzirem a obra de Salvador Dalí no horário do recreio. “Através da arte elas podem desenvolver a sua criatividade e assim rompemos com o tabu de que arte é ‘coisa’ de intelectual. É só dar o pincel que eles se transformam. O objetivo do projeto de mostrar a arte como produção cultural foi alcançado”, ressalta Marcelo.

Na corrente abstracionista, que surge no século XX para romper com a arte academicista, a garotada é convidada a desenhar em uma moldura uma interpretação própria de vários temas e imagens. A ideia era deixar os estudantes livres para criar. No estande do Expressionismo, os participantes reproduziam as obras expostas de forma mais fiel à realidade. Já no Impressionismo, as interpretações não tinham muito compromisso com uma verdade, e os artistas podiam se manifestar com mais liberdade.

Segundo o professor de Filosofia Rogério Carvalho, que participou das aulas de estética, a arte tem grande importância na Educação: “A expressão artística permite o questionamento porque dá asas à imaginação, seja música, literatura, pintura, ela vai além da verbalização. Fazer arte é sair do senso comum é ir para o crítico. É uma forma de transcender, sair daquilo que é perceptível. A visão criativa permite enxergar além do que eu vejo, ela está nas ‘entrelinhas’. Portanto, a formação artística do aluno é fundamental para forjar cidadãos críticos e criativos”, finaliza. ■



Escola Santa Bárbara
Rua Domingos Meirelles, 242 – Vila Nova – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23070-500
Tels.: (21) 3292-1910 / 3394-1794
E-mail: alo@escolastabarbara.com.br
Diretora: Marlene Melo Marques de Souza
Fotos: Marcelo Ávila



Experiência antropológica

Estudantes simulam atividades praticadas por arqueólogos e povos da Antiguidade

Marcela Figueiredo

A proposta da professora Caísa Porto foi aproximar os estudantes das atividades praticadas pelos arqueólogos e explicar para elas a origem do homem. Assim, segundo ela, “os educandos passariam a ter mais interesse pelo conteúdo de História”. Duas atividades foram realizadas: uma sobre fósseis e outra sobre leitura cuneiforme.

Na primeira o objetivo foi apresentar para a turma como os pesquisadores são capazes de obter informações sobre as civilizações não dotadas de escrita. Para introduzi-los no tema, a educadora passou um vídeo sobre grupos humanos pré-históricos. Já ambientados, os alunos foram orientados a levar para a aula do dia seguinte ossos de frango, peixe e similares fabricados para cachorro. Os objetos foram colocados sobre a argila de maneira que suas formas ficassem registradas na massa, do mesmo modo que acontece com o fóssil.

Atividade parecida foi realizada quando o tema da aula foi Mesopotâmia. Ao invés de se limitar a pedir que os alunos lessem as páginas do livro e decorassem as principais características dos povos que habitavam a região entre os rios Tigre e Eufrates, ela sugeriu que desenvolvessem códigos parecidos com os criados pelos sumérios no período aproximado de 3.500 a.C. “Pedi que inventassem códigos próprios, que só eles soubessem o que significava”, explica a professora.

Os alunos fizeram isso, se divertiram e ao mesmo tempo foram apresentados à escrita cuneiforme: nome dado a certos tipos de caracteres feitos com auxílio de objetos em formato de cunha. Além disso, a professora pediu que eles pesquisassem sobre símbolos de escrita. “Realizar uma atividade como essa é uma forma de trazer o conteúdo da disciplina de História para a realidade dos estudantes. Quando o aluno cria é como se ele vivesse aquilo também”, justifica Caísa.

Todos os trabalhos foram expostos nos laboratórios das escolas onde a professora realizou as atividades. O próximo passo será uma visita ao Museu Nacional, na qual os alunos poderão ver o resultado do trabalho de pesquisadores e cientistas que têm como objetivo tornar pública a forma como nossos antepassados viviam. ■

Eapam – Escola Adventista de Padre Miguel
Estrada de Realengo, 365 – Padre Miguel – Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 3159-4795
Diretora: Luciene Dias

Cesc – Centro Educacional Senador Camará
Rua São Salvador, 38 – Posse – Nova Iguaçu/RJ
Tel.: (21) 3102-0544
Diretora: Marlúcia Maia



Agora você tem bons motivos para atualizar seus dados cadastrais...



...e assim receber com rapidez informações, novidades sobre os benefícios, convites e ainda participar de concursos culturais.

Facilidades *on-line*:

Desde 1º de março de 2012 os seguintes serviços passaram a ser realizados preferencialmente através do Portal do Associado:

Solicitação de carteira social,
Solicitação de guia de benefícios,
Réplicas e 2ª via de boleto (Appai/
Agregado/Intermédica),
Declaração de Imposto de Renda do
ano anterior,

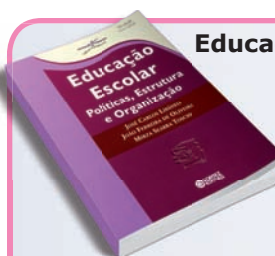
Indicações ao Divulgador,
Inscrições para Dança de Salão e bailes,
Inscrições para Palestras,
Inscrições para Caminhadas e Corridas,
Atualizações cadastrais.



Lecionando Filosofia para adolescentes – Práticas pedagógicas para o ensino médio

Renato Velloso – Editora Vozes
Tel.: (24) 2233-9029

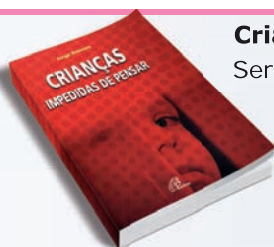
O autor aborda uma série de questões que fazem parte do cotidiano do “filósofo-educador”, entre elas a difícil tarefa de lecionar para adolescentes. O livro contém diferentes métodos para ensinar Filosofia, dá dicas de como planejar aulas levando em consideração a realidade socioeconômica e cultural dos alunos, além de propor atividades didáticas e modos de avaliação.



Educação escolar – políticas, estrutura e organização

Mirza S. Toschi, José C. Libâneo e João F. de Oliveira
Cortez Editora
Tel.: (11) 3864-4290

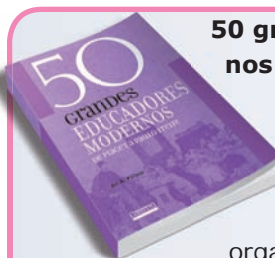
Esta obra proporciona, aos futuros professores e gestores dos sistemas de ensino e de escolas, bases conceituais para uma análise dos aspectos sociopolíticos, históricos, legais, pedagógico-curriculares e organizacionais da educação escolar brasileira.



Crianças impedidas de pensar

Serge Boimare – Editora Paulinas
Tel.: (21) 2232-5486

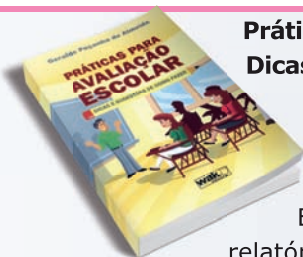
Com base em sua experiência profissional, Boimare demonstra no seu livro que o problema dos alunos em vias do fracasso escolar “não é tão complicado quanto parece e que há um modo de fazê-los avançar na classe comum...”.



50 grandes educadores modernos – De Piaget a Paulo Freire

Joy A. Palmer – Ed. Contexto
Tel.: (11) 3832-5838

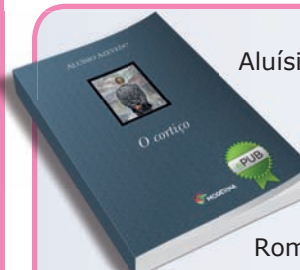
Qual é o papel do professor em tempos atuais? Como organizar e planejar a atividade pedagógica de forma prática e racional? Este livro abrange a influência, a importância e o caráter inovador do pensamento dos mais importantes educadores modernos, trazendo à tona questões intrínsecas à educação contemporânea.



Práticas para avaliação escolar – Dicas e sugestões de como fazer

Geraldo P. de Almeida
Editora Wak
Tel.: (21) 3208-6095

Este livro apresenta fichas, relatórios, atividades, modelos de provas, de testes, de avaliação cognitiva e até baterias de exercícios para verificar a aprendizagem a curto e médio prazos. Estas contribuições não têm a intenção de ser totalizantes, mas de apresentar possibilidades concretas no caminho da avaliação que traz benefícios ao aluno.



O Cortiço

Aluísio Azevedo – Editora Moderna
Tel.: (11) 2790-1300

O cortiço, publicado em 1890, focaliza a ascensão social do comerciante português João Romão, dono de uma venda, de uma pedreira e de um cortiço, bem perto do sobrado de um patrício endinheirado, o comendador Miranda.



A história das coisas

Annie Leonard – Editora Zahar
Tel.: (21) 2108-0808

Neste livro a autora aprofunda o tema, explicando de onde vêm as matérias-primas e como esses artigos são produzidos, distribuídos e consumidos, e o que acontece depois que jogamos tudo isso no lixo.



Manual antibullying – Para alunos, pais e professores

Dr. Gustavo Teixeira
Editora Best Seller
Tel.: (21) 2585-2091

O Manual Antibullying oferece informações básicas e métodos eficientes para prevenir e enfrentar a violência sofrida / praticada entre crianças e adolescentes. Segundo o autor, é muito difícil, especialmente para pais e educadores, diferenciar o *bullying* de uma agressividade que faz parte da infância e da adolescência.



Preparar, motivar, concentrar!

Eles estão desconcentrados? Veja como fazer seus alunos se interessarem mais pelas suas aulas

A indisciplina está diretamente ligada à falta de atenção durante a aula. Muitas vezes o aluno não teve a sua capacidade de concentração educada e, por isso, não consegue se ater às explicações do professor. Em outras ocasiões, o problema pode ser físico ou psicológico. Necessidade de chamar a atenção, carência afetiva, déficit de atenção e hiperatividade, problemas de visão e audição podem ser algumas das causas desse tormento que assombra o dia a dia do professor, seja ele responsável por uma turma de terceira série do Ensino Fundamental ou de faculdade.

A primeira sugestão é que se observem os alunos mais desatentos, verificando – a partir disso – se eles

possuem alguma má função física. Depois, passa-se a prestar atenção ao fator emocional. Havendo dúvida, é importante encaminhar o estudante para o departamento de psicologia da escola. Caso esse não exista, deve-se conversar com ele e com seu responsável e indicar uma visita a um profissional especializado.

Sanadas todas as dúvidas e resolvidos os problemas mais sérios, chega a hora de usar somente o seu trabalho na sala de aula para conquistar a atenção da classe. Alguns fatores como o seu tom de voz, sua postura diante da turma, a imposição de limites, regras de convivência a serem respeitadas e a firmeza de suas atitudes contribuem muito para que o cotidiano seja levado sem maiores traumas.

AÍ VÃO ALGUMAS DICAS PARA OTIMIZAR A SUA AULA:

SEJA COERENTE. As regras que valem para os mais rebeldes devem servir também para os mais certinhos. Se você abrir concessão para um bom aluno que está conversando na hora da explicação, não poderá chamar a atenção da turma do barulho quando ela estiver atormentando.

PREPARE UMA AULA E SIGA O SEU ROTEIRO. Quando se sabe muito sobre um determinado assunto, é natural se falar mais a respeito dele do que seria necessário. Concentre-se. Trace um plano para a aula e respeite-o. Caso contrário, sua explicação pode ficar mal finalizada e o aprendizado dos alunos, comprometido.

SOBE O SOM. Se em uma sala os estudantes forem muito agitados, leve uma música clássica ou própria para meditação. Deixe-a tocando por uns três minutos. Isso ajuda a acalmar os ânimos e mantém a turma concentrada.

VERIFIQUE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS E O COMPORTAMENTO DELES DIANTE DE VOCÊ. Pode ser que algum estudante invista em conversa paralela e

agitação dos colegas por não gostar de você. Muitas vezes, é uma cisma boba. Por isso, converse com os alunos mais irritados e procure descobrir o que os incomoda.

SEJA CRIATIVO. Repetir verdades descobertas há séculos e não fazer um *link* entre elas e a realidade pode transformar a sua aula em um estrondoso fiasco. Traga o mundo real para dentro da sala. Debata o que saiu no jornal, proponha trabalhos instigantes, deixe seus alunos livres para descobrirem as respostas de suas perguntas. Isso é que é educar.

INTERAJA. Deixe seus alunos mandarem um pouco nos temas a serem trabalhados na aula. Coloque uma caixinha na sala e peça para que eles deixem dentro dela algumas sugestões de temas ou mesmo formas de levar a aula. Você pode tirar muitas coisas boas daí. Além do mais, aquele que deu a ideia vai ficar orgulhoso, motivado e passará essa animação para os colegas. ■

*Matéria extraída da Revista Profissão Mestre, fevereiro de 2006, ano 7 / nº 77.



Caminho das águas

Projeto alerta para o desperdício do elemento natural que cobre 75% da superfície terrestre

Claudia Sanches

Conscientizar os alunos quanto à importância do uso correto da água e levar esse entendimento para o dia a dia da comunidade. Esse é o desafio do projeto *Camino das Águas*, desenvolvido com o Ensino Médio do Colégio Estadual Jornalista Artur da Távola. A atividade faz parte do *Programa Autonomia*, parceria entre a Fundação Roberto Marinho e a Secretaria Estadual de Educação, uma metodologia de aceleração de aprendizagem direcionada a estudantes com defasagem idade/turma.

O colégio, que acolhe jovens e adultos com questões de inadaptação e repetência, utiliza um método diferencial que visa valorizar a autoestima e criar estratégias para evitar a eva-

ção: "A ideia é fazer com que essa clientela venha para cá com prazer; essa não pode ser mais uma escola para eles, que já foram hostilizados e rotulados. É uma instituição que está sempre em movimento e parte da vivência do educando", explica a diretora Gláucia Souza.

Único no Brasil que trabalha somente com projetos, o colégio se compromete a fazer uma pedagogia dinâmica, atuando a partir de tópicos. Com a temática da água não foi diferente. Os alunos são abordados com debates e pesquisas, o que objetiva promover uma mudança efetiva de comportamento. Segundo a professora Cíntia Gerônimo, ao pesquisarem na Internet e assistirem aos vídeos produzidos pela Fundação Roberto Marinho, eles estão sendo estimulados à participação. "A principal intenção é colocá-los para pesquisar. Quando descobriram que, apesar de o planeta ser



constituído de mais de 70% de água, apenas 1% é próprio para o consumo, e que esse bem não é distribuído de forma igual, ficaram alarmados e logo se engajaram”, garante a docente.

Do concreto para o abstrato

Mas para se materializar os conceitos de desperdício e reaproveitamento veio muito a calhar a visita ao C. E. Mário Quintana, localizado em Nilópolis, onde os alunos conheceram um sistema de reutilização de águas pluviais: 70% do que é consumido pelo estabelecimento de ensino vem das chuvas. Outra experiência foi a exposição *Água*, no Museu Histórico Nacional, onde as turmas se depararam com questões relacionadas aos recursos hídricos, como uso, disponibilidade e simulação de tragédias. “Nós vivemos em um país muito privilegiado, temos bastante água, ao contrário da Europa, por exemplo. Então esses jovens não fazem ideia de que esse é um bem tão valioso, que não é distribuído de maneira uniforme e que está sob ameaça”, justifica.

Segundo a diretora, cada aluno escolheu uma forma de exposição, e a maioria optou por linguagens audiovisuais. Com intuito de alertar as pessoas para a necessidade de se cuidar da

água, os grupos se expressaram de formas diversificadas. Um deles apresentou um vídeo impactante sobre a catástrofe em Nova Friburgo, enquanto um outro levou uma réplica do C. E. Mário Quintana, com os estudantes falando sobre a presença da água no corpo humano. Houve também um trabalho que demonstrou como ocorriam as secas e enchentes causadas pela ação humana através do mau uso do lixo. A simulação de um desabamento dentro de uma casa chamou atenção da comunidade. “Queríamos fazer com que a pessoa se sentisse aflita com a ambientação dos tremores e sons de chuva e trovões”, explicava a aluna Michelle.

Luciane Jacob, professora de História, lembra que, durante a exposição no museu, os jovens se interessaram muito pelas esculturas que utilizavam a água como fonte de inspiração e ficaram impressionados ao perceber que ela pode ser tanto fonte de saúde quanto de doenças. Para a educadora, a experiência no Mário Quintana também foi definitiva: “Eles, e muitos dos professores, não tinham noção do que pode ser feito para economizar. Ficaram encantados em ver que ela pode ser reaproveitada de todas as formas, até mesmo a água do telhado podendo ser captada para as caixas de água”.

A supervisora da escola, Ana Lúcia Coutinho, que compareceu ao evento e prestigiou as produções do corpo discente, destacou a forma fidedigna com que os



Maquete reproduz sistema de captação de águas pluviais, que é responsável por 70% do abastecimento do C. E. Mário Quintana, enquanto (ao lado) cenas impactantes impressionaram os visitantes através da simulação de enchentes e desabamentos





Pequenas transformações promovem grandes mudanças: agora os alunos valorizam mais a água, porque sabem que é um bem comum cuja manutenção depende de cada um de nós



A ideia é fazer com que a clientela venha para cá com prazer; essa não pode ser mais uma escola para eles, que já foram hostilizados e rotulados. É uma instituição que está sempre em movimento e parte da vivência do educando

jovens retrataram a realidade através das maquetes: "O grupo que fez um protótipo da escola me impressionou pela forma como os alunos representaram o reservatório, as cisternas, os canos da Ceda, em cor azul, e do sistema de captação, em verde, tudo com riqueza de detalhes, mostrando o quanto são observadores. Também explicaram, através da simulação da casa na encosta, como acontece um desmoronamento, registrando os episódios de Petrópolis, utilizando uma garrafa de água que representava as chuvas caindo nos morros e modificando o solo, tudo lentamente até que um dia a tragédia acontece. Reproduziram todo esse processo passo a passo".

A diretora Gláucia comemora mais um resultado do projeto. A partir desse trabalho, ela, que ficou alarmada com o vídeo "Carta 2070", acredita ter atin-

gido seu objetivo que era mostrar que as pequenas transformações é que geram as grandes mudanças: "A humanidade não se dá conta de que, num breve futuro, será prejudicada. Agora percebo que os alunos valorizam mais a água, porque sabem que é um bem comum. Para mudar a cultura é preciso despertar o interesse, mostrar a importância, de dentro para fora". A supervisora Ana Lúcia concorda com a diretora e apoia o esforço da equipe pedagógica: "Esse projeto não é algo que passou. Eles vão levar para casa e multiplicar essas informações com os pais e vizinhos. Alguns jovens se tornam verdadeiros fiscais", comemora a supervisora. ■

Colégio Estadual Jornalista Artur da Távola
Praça Igará, 40 – Cosmos – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23060-380
Tel.: (21) 2333-6935
E-mail: cejat@oi.com.br
Diretora: Gláucia Pontes Souza da Silva
Fotos: Marcelo Ávila



Ação Social na Fundação Xuxa



Equipe multidisciplinar da Appai estimula a saúde preventiva e odontológica junto às crianças

As equipes odontológica e de enfermagem do Programa Saúde 10 da Appai compareceram à Fundação Xuxa Meneghel, em Pedra de Guaratiba, para participar de mais um trabalho de ação social, em parceria com o Rio Solidário e o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan). Durante dois dias foram atendidas as crianças da Fundação, suas famílias e a comunidade local.

A equipe odontológica da Appai ensinou as crianças a escovar os dentes de forma correta e promoveu aplicação de flúor. Também foram distribuídos kits de higienização bucal. Simultaneamente, o pessoal de enfermagem realizou medições de glicose e pressão.

O Morhan levou para a Fundação a Carretinha da Saúde, uma unidade móvel criada para oferecer atendimento e esclarecimento gratuitos acerca de doenças e tratamentos dermatológicos – em especial sobre a hanseníase.





Novas práticas e hábitos saudáveis

Alunos da rede pública vivenciam hábitos saudáveis com o projeto *Saúde na Escola*

Tony Carvalho

Cerca de cinco milhões de alunos com idade entre cinco e 19 anos participaram de atividades educativas sobre promoção da alimentação saudável e qualidade de vida. Durante a Semana de Mobilização Saúde na Escola, uma iniciativa dos ministérios da Saúde e Educação em parceria com as secretarias de Educação, 22 mil instituições públicas do país foram mobilizadas para trabalhar simultaneamente o tema *Obesidade – prevenção na infância e na adolescência*. Uma dessas escolas envolvidas no projeto foi o Ciep Brizolão 201 Aarão Steinbruch, em Duque de Caxias.

De acordo com a diretora adjunta Ana Cátia Rodrigues, o evento foi importante para unir professores e estudantes em torno da conscientização sobre a qualidade de vida. “Nesta semana, toda a equipe pedagógica se envolveu com o tema, estimulando e orientando os alunos em suas pesquisas. O resultado desse esforço são os trabalhos produzidos e, acima

de tudo, a orientação sobre hábitos saudáveis que poderão influenciar tanto os estudantes quanto seus familiares”, afirma.

Além dos trabalhos apresentados, a culminância do projeto contou com circuito de atividades físicas com os professores de Educação Física da escola e palestras ministradas por profissionais de saúde do município. A médica do Programa de Saúde na Escola (PSE), Nilce Castro, explica que, paralelamente ao projeto, a escola realiza durante todo o ano trabalhos que incentivam a alimentação e modos de vida saudáveis. “O PSE atua fazendo avaliação nutricional, verificando o peso e altura dos alunos, com o objetivo de calcular o chamado índice de massa corpórea (IMC), que indica a obesidade e, ainda, falando sobre tabagismo, drogas, álcool, DSTs e outros temas correlatos”, declara.

Para a professora de Biologia Ailce Aires, a mudança de hábitos alimentares é fundamental para



nuggets, que são muitos. Os ingredientes principais, que são as partes menos nobres do frango, são triturados com conservante à base de petróleo e gordura hidrogenada, que causa infecção no aparelho digestivo e leva o consumidor à obesidade e ao câncer”, revela.

Em outro estande, alunos do 3º ano montaram uma pirâmide alimentar para explicar a importância do consumo de produtos com menor teor de gorduras saturadas, valorizando as frutas, verduras, legumes e grãos, além da ingestão moderada de açúcar e sal.

a formação de adultos saudáveis. “Atualmente percebemos um grande índice de crianças com sobrepeso, o que irá gerar adultos obesos”, observa. Alexandra Gonçalves, também professora de Biologia, acredita que o fator preponderante nessa guerra contra a obesidade está na tentação das comidas *fast-food*. “As informações sobre alimentação saudável até chegam aos jovens em sala de aula e através da mídia. Contudo, o apelo aos hambúrgueres e batatas fritas é muito grande. Por isso, o trabalho de conscientização deve ser constante”, admite. A aluna Lorena Cristina, do

2º ano do Ensino Médio, concorda. Ela era fã de *nuggets*, mas, depois da pesquisa feita sobre esse produto industrializado, garante que riscou definitivamente o alimento do seu cardápio. “Graças a esse projeto de saúde na escola descobri os malefícios dos

Já os alunos do 8º e 9º anos selecionaram dezenas de plantas medicinais. A aluna Ester Larissa já conhecia a erva-cidreira desde criança, mas com a pesquisa o vegetal que mais lhe chamou a atenção foi a guiné, que serve como anti-inflamatório e combate a artrose.

Alunos do 3º ano do Ensino Médio montaram uma tenda com atividades de pilates, um método que controla e fortalece os músculos, além de aumentar a mobilidade das articulações. A turma também fez demonstrações de exercícios abdominais e ginásticas localizadas. “A atividade física é fundamental em qualquer idade, indispensável para adquirir uma boa forma e manter o equilíbrio e a qualidade de vida”, constata o professor de Educação Física Carlos Gustavo Kappaum.

Para Romildo Luiz Pereira, diretor adjunto, a Semana de Saúde na Escola atingiu os objetivos propostos, pois conseguiu mobilizar a comunidade em torno do tema. “O papel da escola continua sendo o de centro de formação e transmissão do conhecimento. Por isso, apesar de os recursos serem parcos, ao mobilizarmos o aluno ele consegue trazer bastante informação e desenvolver o trabalho”, finaliza. ■

2º ano do Ensino Médio, concorda. Ela era fã de *nuggets*, mas, depois da pesquisa feita sobre esse produto industrializado, garante que riscou definitivamente o alimento do seu cardápio. “Graças a esse projeto de saúde na escola descobri os malefícios dos



Ciep Brizolão 201 Aarão Steinbruch
Avenida Presidente Kennedy, s/nº
Bairro São Bento – Duque de Caxias/RJ
CEP: 25010-006
Tels.: (21) 2699-3888 / 2699-3889
E-mail: aaraorico@yahoo.com.br
Diretora: Ana Paula da Silva Cunha
Fotos: Tony Carvalho



Uma Praça na História do Centro do Rio

Antônia Lúcia

Com mais de 800 professores inscritos através do Portal da Appai, o Circuito Light Rio Antigo – etapa Tiradentes reuniu cerca de 6 mil participantes entre atletas de elite e iniciantes, que juntos completaram os percursos de 5 e 10 kms pelo mais expressivo Corredor Cultural do Rio Antigo. A largada na praça histórica da cidade, local em que Tiradentes foi enforcado, abriga o maior monumento da América Latina – o Monumento a Dom Pedro I, além de quatro estátuas em estilo clássico, que representam as virtudes das nações modernas: justiça, liberdade, união e fidelidade. Há 2 km do local da largada, o Paço Imperial – uma das heranças do Brasil Colônia –, lembrava, naquele 13 de maio, os 124 anos da extinção da escravidão no país.

Cercados por esse contexto histórico cultural, os atletas de elite da equipe BemViver Jéssica Suzam e Isabel Feliciano garantiram a primeira e segunda colocações nos 5 kms feminino, enquanto Paulo Machado foi o campeão nos 10 kms masculino. No final da prova, a fim de incentivar a prática esportiva, 10 pares de tênis foram sorteados entre os professores associados da Appai.

Monumento a Dom Pedro I, inaugurado em 30 de março de 1862







Um novo jeito de ensinar a tabuada

Discutir com os alunos sobre a relação dos produtos da multiplicação e as propriedades envolvidas nos cálculos ajuda a memorizar os resultados e a encontrar os que eles não sabem de cor

Beatriz Santomauro

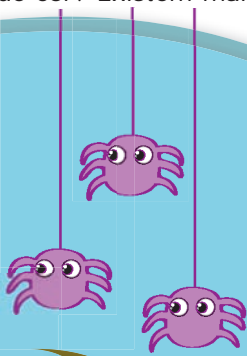
Um conjunto de multiplicações básicas – de 1×1 a 10×10 – e seus resultados. A tabuada é a mesma do tempo em que você era aluno e, provavelmente, tinha de decorá-la. O conteúdo era tão valorizado que as listas de multiplicações apareciam estampadas nos lápis e na contracapa dos cadernos. Mesmo assim, na hora de usar esse conhecimento, muitas vezes os valores sumiam da memória, não é mesmo? Prova de que as práticas tão consolidadas de memorização pela repetição não são eficazes. Mas hoje em dia ainda faz sentido exigir que os alunos saibam os produtos de cor? Existem maneiras de levá-los

realmente a aprender a tabuada? A resposta para as duas questões é sim.

“Ter a tabuada na ponta da língua libera o aluno para se preocupar com outros desafios do problema”, afirma Leika Watabe, formadora de professores da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. No entanto, antes de decorá-la, ele deve compreendê-la por meio de atividades que mostrem a relação entre os números e as propriedades da multiplicação, como a proporcionalidade e a comutatividade – sem que para isso seja necessário apresentar a definição delas. Se 6 é o dobro de 3, todos os resultados da tabuada do 6 são o dobro dos resultados da do 3. Caso não se lembre que $8 \times 4 = 32$, a criança pode buscar na memória o resultado de 4×8 , que parece mais simples e é o mesmo. Outra conclusão a que ela pode chegar: se $7 \times 10 = 70$, para saber quanto é 7×9 , basta subtrair 7 desse resultado para chegar a 63. “Tudo passa a fazer sentido e fica fácil decorar”, completa.

Uma boa aliada na hora de elaborar essas análises é a tabela pitagórica (também chamada de tábua e tabela da

Aranha	Pernas
1	8
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	



////////////////////16 É FÁCIL! EM 2 ARANHAS SÃO 16 PERNAS.

MAS VOCÊ NÃO VAI SE CANSAR DE FAZER TANTOS TRACINHOS? IMAGINE QUANDO FOR REPRESENTAR AS PERNAS DE 10 ARANHAS! QUEM TEM OUTRA IDEIA?

COMPLETEM ESTA TABELA PENSANDO NO SEGUINTE: SE LIMA ARANHA TEM 8 PERNAS, QUANTAS PERNAS TÊM 2? E 3?

EU SEI. $8 + 8 = 16$
 $16 + 8 = 24$
É SÓ SOMAR 8.

multiplicação). Ela é um quadro de dupla entrada em que são registrados os resultados das multiplicações, de 1×1 a 10×10 – o número da linha deve ser multiplicado pelo da coluna e, no espaço correspondente ao encontro das duas, registrado o produto do cálculo. Isso facilita uma visão geral dos resultados, o que é uma vantagem sobre as tabuadas organizadas em listas – em que aparece a multiplicação do 1 ao lado da do 2 até a do 10. Propostas de trabalho feitas com base na tabela possibilitam estabelecer diversas relações, já que todos os produtos das multiplicações básicas estão ali (leia exemplos nos quadrinhos abaixo).

Há várias atividades a serem propostas com o uso da tabela – que serve, inclusive, de material de diagnóstico dos estudantes. Compreendido seu funcionamento, eles podem, por exemplo, preencher somente as tabuadas do 5 e do 10 para verificar que os resultados da primeira correspondem à metade dos resultados da segunda. Em seguida, escrever as do 2 e do 3 e concluir que a soma dos produtos corresponde aos resultados da do 5. Dessa forma, a turma pode tirar diversas conclusões e ir memorizando os valores ou encontrá-los com facilidade. Só depois de um trabalho sistemático é adequado afixar a tabela em sala de aula para ser consultada sempre que necessário.

A proporção na relação entre os números

Numa tabuada, os números são organizados de uma maneira uniforme e sistemática. O resultado de 7×1 , por exemplo, é menor que o de 7×2 , que é menor que o de 7×3 , e os valores aumentam de 7 em 7. Isso se repete na tabuada do 3, que varia de 3 em 3, na do 4, de 4 em 4 etc. Essa ideia se refere a uma importante propriedade da multiplicação: a proporcionalidade. Assim, quando aumenta um fator, cresce na mesma proporção o resultado da multiplicação por ele, explica Andréia Silva Brito, professora da Emef Carlos Drummond de Andrade, em Presidente Médici, a 412 quilômetros de Porto Velho. “Quando uma grandeza dobra e a outra também dobra, quando uma triplica e a outra triplica, temos uma proporcionalidade direta”. Sem observar essa regularidade, não se entende a tabuada. “A consciência de que existe um aumento proporcional é a base da compreensão da tabela pitagórica”, diz Cleusa Capelossi Reis, formadora de professores de Matemática da rede municipal de São Caetano do Sul, na Grande São Paulo.

Desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, é importante propor às crianças problemas que envolvam essa propriedade mesmo quando ainda não aprenderam o algoritmo da multiplicação. Questões do tipo: “Se 1 caderno custa 3 reais, quanto custam 4 cadernos?” suscitam o uso de estratégias variadas. Desenhos podem representar cada uma das unidades do problema (nesse caso, os cadernos e os reais), e a adição sucessiva substitui a multiplicação: em vez de escrever 3×4 , é possível escrever $3 + 3 + 3 + 3$.

E VOCÊS NOTAM QUE, CONFORME AUMENTA O NÚMERO DE ARANHAS, É MAIOR TAMBÉM O NÚMERO DE PERNAS?

É VERDADE...

AGORA RESPONDAM: SE EM 5 CARROS TEMOS 20 RODAS, QUANTAS RODAS EXISTEM EM 10 CARROS?

PROFESSORA, PRECISO MONTAR OUTRA TABELA?

ACHO QUE NÃO, PORQUE SE 10 CARROS SÃO O DOBRO DE 5 CARROS, ENTÃO O RESULTADO É 40 RODAS, PORQUE ESSE É O DOBRO DE 20!





Esses procedimentos são muito úteis e representam uma valiosa introdução à proporcionalidade. Porém, ressalta Leika, devem ser vistos como as primeiras estratégias, e não as únicas. Isso porque são lentas e imprecisas (leia nos quadrinhos acima um problema com diferentes resoluções). “Cabe ao professor propor desafios em que os estudantes necessitem encontrar maneiras mais rápidas e precisas de resolução e criar oportunidades para que compartilhem estratégias”. Por exemplo: “Uma loja vende caixas de lápis de cor com 12 unidades cada uma. Quantos lápis existem em 5 caixas? E em 6?”. Atividades desse tipo – em que se preenchem tabelas de proporcionalidade – são importantes porque permitem relacionar os valores de duas grandezas e saber que, quanto maior uma delas (no exemplo anterior, caixas), maior a outra (lápis), seguindo uma mesma variação (no caso, 12).

Compreendidas as relações entre os números da tabuada, a simples decoreba dos produtos passa a ser desnecessária. A cultura do ensino da multiplicação manda que se apresente primeiro a tabuada do 1 e depois a do 2, seguindo a ordem do menor para o maior, sem levar em conta, por exemplo, que a do 10 é mais fácil que a do 6. “Se a criança aprender simultaneamente a do 2 e a do 4, vai perceber a relação entre elas, o que ajuda a construir o conhecimento sobre ambas”, explica Priscila Monteiro, consultora pedagógica da Fundação Victor Civita (FVC).

Explorar as relações entre os dobros, os triplos e os quádruplos na tabela é essencial. Por exemplo: os produtos da coluna do 8 são o dobro dos que compõem a do 4 e quatro vezes os da tabuada do 2. Por isso, multiplicar por 8 equivale a multiplicar por 4 e depois por 2. Da mesma forma, os valores da coluna do 9 correspondem ao triplo dos da coluna do 3. Esse conhecimento é útil no momento de fazer os cálculos envolvidos num problema. Se o estudante não lembra quanto é 4×9 , mas sabe que 4 é o dobro de 2, basta resolver primeiro 2×9 para depois multiplicar o resultado novamente por 2. “Esse conhecimento é importante para ele recalculer as tabuadas desconhecidas com base naquelas que já sabe, sem precisar ter todas decoradas”, explica Cleusa.

É preciso decorar apenas meia tabela

Outra propriedade da multiplicação interessante para a compreensão da tabuada é a comutatividade. Ela indica que a ordem dos fatores não altera o produto, como em 8×4 e em 4×8 . Com isso, quem não conhece o resultado da primeira operação, mas sabe o da segunda, consegue resolver a questão. Apoiado nessa propriedade, basta memorizar a metade dos produtos da tabela pitagórica para saber o restante dela. Isso porque os resultados se repetem a partir de um eixo de simetria na diagonal central do quadro, em que são registrados os produtos de algarismos iguais (veja nos quadrinhos à frente uma atividade em que essa simetria é analisada). Tanto acima como abaixo

da diagonal aparece o número 32, resultado do 8×4 e do 4×8 . Análises como essas podem ser uma referência para resolver questões similares e colocar em jogo as relações numéricas, ressalta o argentino Horacio Itzcovich no livro *La Matemática Escolar*.

Cleusa lembra que essa é uma estratégia a ser colocada em prática no momento de solucionar um desafio, e não deve apenas ser mostrada como uma curiosidade. O material de formação dos professores de Matemática elaborado pelo Núcleo de Aprendizagens Prioritárias, da Argentina, também ressalta essa questão: "Não se aprendem as propriedades desconectadas de seu uso. Elas se constituem como ferramentas que nos permitem justificar e compreender procedimentos de cálculo". Para trabalhar o assunto, proponha que as crianças resolvam alguns cálculos, como:

$$\begin{array}{l} 2 \times 4 \quad 4 \times 2 \\ 3 \times 2 \quad 2 \times 3 \\ 5 \times 3 \quad 3 \times 5 \end{array}$$

Em seguida, peça que analisem e comparem os resultados da primeira e da segunda coluna e digam o que observaram. Elas devem concluir que os resultados se repetem. Indague por que elas acham que isso acontece e se sempre é assim. Desafie a turma a propor outras multiplicações e experimentar inverter a ordem dos números. Libere o uso da calculadora para que possam confirmar o produto dos cálculos mais rapidamente e constatar a regularidade.

AGORA TRACEM UMA LINHA NESSA DIAGONAL E VEJAM O QUE PODEMOS OBSERVAR SOBRE OS NÚMEROS DE UM LADO E DE OUTRO.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
3	3	6	9	12	15	18	21	24	27	30
4	4	8	12	16	20	24	28	32	36	40
5	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
6	6	12	18	24	30	36	42	48	54	60
7	7	14	21	28	35	42	49	56	63	
8	8	16	24	32	40	48	56	64	72	
9	9	18	27	36	45	54	63	72	81	
10	10	20	30	40	50	60	70	80	90	

ELES SE REPETEM! 40 É UM DELES!

As regularidades menos evidentes

Você deve deixar claro que o resultado de uma multiplicação pode ser obtido por meio de outra. Ter isso em mente é essencial para reforçar que não é necessário decorar a tabuada mecanicamente, mas construir diferentes recursos de cálculo aproveitando o que já se conhece. A análise dessas relações se torna mais eficaz com muita discussão e um olhar atento para averiguar regularidades. A tabela pitagórica é um excelente recurso também para isso, já que organiza os produtos da multiplicação e os dispõe juntos. As primeiras conclusões a que os alunos geralmente chegam ao se debruçar sobre ela são:

- Todo número multiplicado por 10 termina em 0.
- Todo número multiplicado por 5 termina em 5 ou 0.
- Todo número multiplicado por 1 tem como resultado ele mesmo.

O registro dessas conclusões é um ótimo começo de conversa para você lançar outros questionamentos e para os estudantes notarem que a multiplicação de qualquer número por um par sempre resulta num par. Outras regularidades, menos evidentes, também são importantes: a soma dos números multiplicados por 2 e 5 está na coluna do 7, assim como a soma dos multiplicados por 3 e 4. Essa relação se baseia

DEPOIS DO 4×1 POSSO SOMAR DE 4 EM 4 PARA RESOLVER A TABUADA DO 4?

NÃO! É MAIS FÁCIL MULTIPLICAR OS RESULTADOS DA DO 2 PARA TER OS RESULTADOS DA DO 4!

nas propriedades associativa e distributiva da multiplicação. Matematicamente, 7×6 pode ter esta representação:

$$(3 \times 6) + (4 \times 6) \\ 18 + 24 = 42$$

No livro *Investigações Matemáticas na Sala de Aula*, o educador português João Pedro da Ponte defende que tarefas desse tipo, mais do que servirem para iniciar os alunos nas atividades de investigação, permitem desenvolver conhecimentos importantes acerca dos números, como os relacionados ao estudo dos múltiplos e aos critérios de divisibilidade. Ele afirma que a tabuada do 5 pode levar os alunos a observar que um número divisível por 5 termina com 0 ou 5. Com essas tarefas, é possível explorar várias relações. Por exemplo: será que todo número vezes 3 é ímpar? E quando é multiplicado por 6? Sempre que é preciso multiplicar por 10, basta acrescentar

Os erros mais comuns

- ▶ **Ensinar uma tabuada de cada vez.** É preciso trabalhá-las ao mesmo tempo para que os alunos possam relacioná-las.
- ▶ **Usar músicas para tornar a aula divertida.** As atividades devem ser desafiadoras para os alunos entenderem a tabuada.
- ▶ **Tomar a tabuada.** A memorização dela é importante, mas quando colocada em uso para resolver problemas.
- ▶ **Ignorar a importância da memorização.** Decorar agiliza os cálculos e permite que o aluno se preocupe com outros desafios.
- ▶ **Não orientar os estudos sobre o conteúdo.** Lições de casa ou atividades individuais devem ser dirigidas e incluir a reflexão sobre as multiplicações.

um 0 após o número? Por que um número vezes 1 é igual a ele mesmo?

Embora seja curioso encontrar respostas para esses questionamentos, a atividade não deve se esgotar nela mesma. É importante que o raciocínio seja novamente retomado na resolução de problemas para que aquilo que se confirmou como regra seja aplicado em outras situações (veja nos quadrinhos destas páginas como os alunos utilizam essas estratégias). Ter em mente essas regularidades ajuda a checar se os resultados dos cálculos estão corretos. Sabendo, por exemplo, que o produto de uma multiplicação por 2 não pode ser ímpar, os alunos buscam outras estratégias para encontrar a resposta certa. Muitas vezes, eles aproveitam as tabuadas que consideram mais simples para resolver as mais complexas. "Quando os estudantes constroem uma rede de relações entre



os números, eles conseguem compreender a tabuada e decorar os resultados da multiplicação com mais facilidade”, afirma Priscila Monteiro.

Hora de sistematizar o conhecimento

Depois de pensar nas melhores estratégias para chegar aos resultados das diversas atividades propostas, os estudantes aumentam progressivamente a quantidade de produtos decorados e conseguem encontrar mais facilmente aqueles que não sabem. Esse avanço é ainda maior quando o professor propõe que troquem dicas com os colegas e faz sistematizações regularmente, organizando o conhecimento coletivo.

Um meio de promover a socialização das informações é sugerir que os alunos registrem as tabuadas que consideram difíceis e, em seguida, digam aos colegas as estratégias utilizadas para descobrir os resultados delas. Um pode resolver 5×7 dividindo 70 (o resultado de 10×7) por 2, enquanto outro acha mais fácil somar 2×7 e 3×7 . Nesse momento de troca, é válido reforçar que não existe uma só maneira de resolver o cálculo e que cabe a cada um optar pelo mais conveniente. O compartilhamento pode ser feito oralmente para toda a sala, com o posterior registro, por escrito e repassado a todos e, ainda, em duplas. As estratégias de uma criança

são valiosas para as demais e, por isso, devem ser anotadas para que sirvam como material de estudo.

Já a sistematização do conteúdo é uma ação do educador e deve ser feita durante todo o processo. Sobre isso, Itzcovich indica em seu livro: “As crianças resolvem problemas de maneira intuitiva, e é essencial que o professor reconheça os procedimentos como válidos. Assim, o aluno sabe que o que foi útil para uma resolução pode ser generalizado a outras situações”. Uma anotação sobre a comutatividade é um exemplo: “Descobrimos que, se a ordem dos números muda, o resultado é o mesmo”. Conclusões desse tipo podem ser escritas coletivamente. Cada um colabora com o que sabe e todos definem a melhor forma de dizer o que foi aprendido. Os registros devem ser colocados nos cadernos e à vista de toda a turma para servir de material de consulta. A intenção deve ser ampliar o repertório de produtos memorizados pelos estudantes para que eles tenham autonomia para resolver.

Mais em novaescola.org.br/extras

- Vídeo com palestra de Claudia Broitman.
- Sequência didática para o 3º ao 5º ano.
- Livros e sites sobre tabuada.

Fonte: Revista Nova Escola - ano XXVI - Nº 248
- dezembro de 2011.



Que palavra é essa?!

2ª Parte

Sandro Gomes*

Dando sequência a nosso estudo sobre os usos do *Que* na Língua Portuguesa, vamos observar que muito variado é o seu emprego como conjunção. Vejamos alguns casos.

Conjunção Explicativa quando iniciar oração coordenada substituindo *pois*, *porque* etc.

Ex.: Não demore, **que** (pois) temos muito a acertar.

Conjunção Aditiva quando em oração coordenada fazendo função semelhante à de *e*, sempre aparecendo entre formas verbais iguais.

Ex.: Corria **que** (e) corria, mas nunca chegava.

Conjunção Adversativa em orações coordenadas, indicando oposição ou ressalva, normalmente substituindo a conjunção *mas*.

Ex.: Um aluno, **que** (mas) não o Rui, fará a leitura.

Conjunção Integrante quando em oração subordinativa, iniciando frase substantiva e desempenhando função sintática de sujeito, objeto, complemento, aposto ou predicativo.

Ex.: Imagino **que** estejas cansado. (Nesse caso a função é de substantiva objetiva direta)

Conjunção Consecutiva, quando em oração subordinada adverbial, em termos como *tão...que*, *tanto...que* etc.

Ex.: Estudou tão intensamente **que** acabou esquecendo o principal.

Conjunção Comparativa, no caso de introduzir oração subordinada adverbial, substituindo expressões comparativas como *mais...que* e *menos...que*.

Ex.: O jovem era **mais** sagaz **que** todos os outros juntos.

Conjunção Temporal, quando corresponde a formas como *antes que*, *assim que*, *logo que* etc., que expressam ideia de tempo, em orações subordinadas.

Exemplos: **Logo que** presenciou a cena, afastou-se. / Esperneou **antes que** fosse capturado.

Conjunção Final, expressando, em períodos subordinados, a noção de finalidade ou objetivo.

Exemplos: Sentou-se, **para que** não o vissem. / Acalmou-a fazendo sinal **que** descansasse.

Conjunção Subordinada Concessiva, ao expressar ideias como *embora*, *ainda que* etc.

Exemplos: Inteligente **que** seja (mesmo sendo), ele não é nenhum fenômeno. / Reagiu, **mesmo que** se arriscando.

Conjunção Modal, em orações subordinadas, correspondendo à locução *sem que*.

Ex.: Faça tudo **sem que** sejas percebido.

Obs.: A classificação de Modal não é abrangida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), por isso a maioria dos autores não a considera ao tratar do assunto. Aqui, porém, optamos por abordá-la, tendo em vista que o objetivo é mostrar a riqueza do vocábulo *Que*.

Conjunção Subordinada Causal, refletindo o valor de termos como *porque*, *visto que*, *já que* etc.

Exemplos: **Já que** tinha ido, instalou-se por lá. / Esperto **que** era (porque era esperto) chegou lá precavido.

E assim encerramos o estudo dessa tão versátil palavra da Língua Portuguesa. Creio que vamos ver o *Que* de uma maneira diferente ao usá-lo em nossos textos ou discursos, e certamente vamos respeitá-lo mais pela riqueza e diversidade que o caracterizam em nosso idioma. Até a próxima, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor da Revista Appai Educar.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.

Cultura indígena

Em contato com a natureza, as turmas da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental percorreram trilhas, visitaram ocas e participaram de danças indígenas

Tony Carvalho

Alunos da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental da Escola Paraíso Infantil Popeye – unidades Lagoa e Leblon – foram ao sítio Piperama, em Vargem Grande, complementar o conteúdo estudado em sala de aula sobre a cultura indígena. Lá, em meio à natureza, as crianças tiveram contato com nativos da tribo Kariri-Xocó, cuja aldeia se localiza na região do baixo São Francisco, na divisa entre os estados de Alagoas e Sergipe.

De acordo com a coordenadora Eliane Lopes, a experiência é muito salutar para as crianças, que têm a oportunidade de vivenciar os hábitos de outros povos. “As turmas já vinham trabalhando a cultura indígena em sala de aula, fazendo comparações com os tipos de moradia, alimentação, vestimenta e costumes. O contato com a tribo foi um complemento a essas atividades. Conviver com as diferenças e aceitá-las já faz parte do nosso cotidiano na escola, quando todos aprendem a respeitar os coleguinhas e a praticar lições de boas maneiras. Contudo, essa vivência com outra cultura foi uma experiência enriquecedora para elas”, afirma.

Capitaneados pelo cacique Pawanã, os índios fizeram demonstrações de canto e dança, sob os olhares atentos das crianças. Eles também ensinaram algumas expressões utilizadas em rituais e falaram do modo de vida na aldeia. Em seguida, os alunos participaram de atividades de trilha e ajudaram os nativos a catar galhos para fazer uma fogueira. Divididos em grupos, visitaram as ocas e a exposição de objetos artesanais de caça, utensílios e adornos. Entre as peças expostas, os estudantes viram desde o tradicional arco e flecha à zarabatana (tubo de madeira pelo qual são soprados pequenos dardos)

para caça de aves, além de borduna, lança, cocar, teara, maracá, anéis, pulseiras e colares.

Segundo o cacique, o contato direto com as crianças é fundamental na formação de uma sociedade que aprenda a respeitar o direito de todos. “Eu chamo essas visitas de projeto de educação patrimonial indígena. Desde 1997 viajo pelo Brasil falando do nosso povo e da nossa cultura. Quando me dirijo às crianças, renovo a esperança de dias melhores para a minha gente. Atualmente já não temos a mata virgem e até o Rio São Francisco está sendo desviado. A nossa tribo





possuía quase cinco mil hectares de terra e hoje, no máximo, restaram apenas 600. Ainda caçamos e pescamos porque gostamos, plantamos no inverno e, no verão, fazemos nosso artesanato para sair vendendo na cidade grande como recurso para manter a tribo. Eu nem gosto da palavra 'vender', mas o índio não resistiu ao capitalismo", declara.

Para a diretora-geral da escola, professora Glória Vasconcellos, esse contato de culturas diferentes é fundamental no processo de formação da cidadania. "Nossos alunos aprendem que o índio é nosso irmão.

Ao vivenciar outras culturas e compartilhar experiências, as crianças aprendem a respeitar as diferenças



Afinal, a identidade cultural do nosso povo demonstra uma integração notória de hábitos miscigenados. Dos índios herdamos alimentos básicos da culinária, a exemplo da mandioca e do milho, e instrumentos musicais como flautas e chocalhos. Até hoje, alguns costumes ainda são praticados pelos brasileiros como, por exemplo, o de dormir em redes. Aprender a respeitar todas as culturas é um passo importante para que tenhamos uma sociedade mais justa", completa. ■

Escola Paraíso Infantil Popeye
Rua Alberto Campos, 175 – Clube Naval Piraquê – Lagoa
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22411-030
Tels.: (21) 2511-2255 / 2511-3805
E-mail: escolapopeye@uol.com.br
Diretora-geral: Maria da Glória C. M. de Vasconcellos
Fotos: Tony Carvalho



O passeio pelos poetas modernos

Manuel Bandeira



701



801



Mário de Andrade

Menotti Del Picchia

Oswald de Andrade



1001



2001



3001

A semana que não acabou

Alunos revivem a arte modernista nos seus 90 anos

Tony Carvalho

Numa São Paulo que já refletia a intensa urbanização e industrialização do século XX, o saguão do Teatro Municipal foi o cenário para um evento de vanguarda que mudaria o rumo das artes no Brasil. Foi lá que em fevereiro de 1922 aconteceu a Semana de Arte Moderna, considerada o marco simbólico do movimento modernista brasileiro, quando um grupo de artistas plásticos, músicos e escritores apresentou ao público uma nova forma de expressão. A rebeldia estética que germinava na capital paulista revelava o desejo de mudanças que varria o país. Para muitos historiadores, a partir daquele evento a pintura deixou as amarras acadêmicas para trás, a música ganhou notas inspiradas na tropicalidade brasileira, a literatura passou a ser chamada de modernista e

a poesia abandonou o parnasianismo. Era o Brasil ajustando as lentes para melhor olhar a si mesmo.

Noventa anos se passaram e as influências decorrentes da Semana de 22 continuam vivas. De acordo com a professora de História da Arte da PUC, Mônica Fonseca, os traços do vanguardismo, da ruptura e da quebra de paradigmas do movimento podem ser detectados em todas as décadas subsequentes: na literatura dos anos 1930, na arquitetura de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer nos anos 1940 e 50, no Tropicalismo, no Cinema Novo e na arte contemporânea de Helio Oiticica nos anos 1960, na Lira Paulistana de Itamar Assumpção nos anos 1970, no movimento *Mangue Beat* nos anos 1990 e, atualmente, nos *rappers* e nos artistas da periferia que buscam unir as influências da arte importada da Europa e dos



Alunos do Colégio Amazonas foram ao CCBB visitar a exposição de Tarsila do Amaral, uma das artistas de vanguarda do modernismo brasileiro

Estados Unidos com as nossas raízes mais profundas. “Toda cultura posterior à Semana de 22 vai partir de proposições feitas naquela época. Alguns fatos ou movimentos sofreram influências mais claras do Modernismo, caso do Tropicalismo, proposta capitaneada por Caetano Veloso, que se lançou à releitura do Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade. Mas, de alguma forma, todos os momentos de ruptura e transformação artística vivenciados no Brasil dos últimos 90 anos são frutos dos questionamentos levantados por Oswald, Mário de Andrade, Anita Malfatti, Menotti del Picchia e outros”, considera Mônica.

Para o professor José Alberto Nemer, a principal contribuição do Modernismo é o conceito de Antropofagia. “Esses artistas nos ensinaram a digerir as influências dos nossos colonizadores, deixar isso ser metabolizado organicamente e passar para a circulação do sangue as principais qualidades, gerando uma manifestação original, não por ser diferente das outras, mas por ser reflexo da origem”, analisa.

Este ano, a Semana de 22 está sendo tema de projetos desenvolvidos em muitas escolas, como é o caso do Colégio Estadual Amazonas, em Campo Grande. Desde o início do ano letivo, as turmas da EJA e do Ensino Médio participam de atividades em sala de aula que ajudam os estudantes a compreender a dimensão desse evento para as artes no país. A professora de Língua Portuguesa Priscila Campos contextualizou a repercussão que muitas das obras exibidas naquela exposição provocaram nos alicerces das artes plásticas e da literatura, estimulando os alunos a fazer uma análise crítica do movimento, que aboliu a perfeição estética tão apreciada no século XIX. “Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão. Com este propósito, experi-



Os alunos da EJA e do Ensino Médio montaram uma exposição com releituras das obras de Tarsila, Menotti del Picchia, Manuel Bandeira, Mário e Oswald de Andrade

mentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão, o que, em princípio, causou incompreensão”, explica. À medida que se aprofundaram nas pesquisas e participaram de debates sobre o assunto, todos foram compreendendo que, embora tenha sido alvo de muitas críticas, a Semana de Arte Moderna só foi adquirir sua real importância ao inserir suas ideias ao longo do tempo. Eles viram que o movimento modernista continuou a expandir-se desencadeando outros movimentos como o Pau-Brasil, o Grupo da Anta, o Verde-Amarelismo e o movimento Antropofágico. Segundo Priscila, o projeto desenvolvido na escola possibilitou atrelar as comemorações dos 90 anos da Semana de 22 ao conteúdo curricular de cada série. “No 7º ano, por exemplo, ao abordar as obras de Manuel Bandeira, os alunos estudaram a estética das narrativas e dos poemas. Já a turma do 1º ano do

No CCBB, alunos da Escola Olímpia do Couto observam, atentos, histórias e curiosidades sobre Tarsila narradas pela monitora da visita



Ensino Médio desenvolveu um trabalho comparativo da carta do Pero Vaz de Caminha com a releitura de Oswald de Andrade”, conta. Toda a produção dos estudantes foi apresentada à comunidade escolar numa grande mostra. Coube à professora de Educação Artística Fátima Lobato a missão de estimular os alunos a confeccionar revisões de obras dos modernistas. Lasar Segall, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral foram alguns dos nomes trabalhados por cada turma. “No transcorrer do projeto, abordamos os desdobramentos do pós-Semana de 22, o que ajudou os alunos a compreender a importância do evento. Durante a apresentação dos trabalhos, eles destacaram as várias nuances dessa influência na arte brasileira”, declara.

O estudo foi complementado com uma visita à exposição das obras de Tarsila do Amaral no Centro Cultural Banco do Brasil. Os alunos viram 85 obras da artista, entre pinturas, desenhos, objetos e gravuras. A professora Fátima lembra que, apesar de Tarsila fazer parte do grupo de modernistas, da semana de arte propriamente dita ela não participou porque estava em Paris. Contudo, quando se fala no modernis-

mo ela é lembrada porque, juntamente com Oswald de Andrade, iniciou o movimento antropofágico. “O enfoque dado a essa exposição, em primeiro lugar, foi intimista; depois, temático e, quando possível, cronológico. Houve um proposital e aparente caos, planejado para que o visitante pudesse se sentir mais próximo da vida da artista e admirasse as obras individualmente, livres de classificações mais rígidas”, explica Antonio Carlos Abdalla, um dos curadores da mostra, juntamente com Tarsilinha do Amaral, sobrinha-neta de Tarsila. Além dos quadros, a estação sensorial despertou o interesse dos visitantes, que podiam tocar e sentir as formas e as texturas de cinco réplicas. De acordo com o arte educador Wallace Berto, a proposta do espaço foi possibilitar um outro tipo de relação com as obras da artista, propiciando uma vivência diferenciada.

Na visita ao CCBB, o olhar atento dos alunos ao entrarem em contato com as obras de arte chamou a atenção dos professores. Grayci Fernandes, de Matemática, também acompanhou os estudantes no passeio e constatou o interesse de todos. “Foi uma experiência enriquecedora, porque as obras com que

eles tiveram contato em sala, durante as aulas de Arte e de Língua Portuguesa, também estavam lá, como é o caso do quadro 'Abaporu', afirma. A professora Gilda Oliveira, diretora do colégio, confessou a satisfação ao ver alunos e professores engajados no projeto. "Esses jovens e adultos aproveitaram a grande oportunidade de compreender o que foi a Semana de Arte Moderna para a cultura do Brasil e o seu grau de influência em todas as áreas. Muitos deles nunca tinham ido a



Na estação sensorial, uma das atrações da mostra, os visitantes sentiram as formas e as texturas de réplicas

um espaço cultural e, ao terem acesso às obras de arte, ficaram encantados. Um aluno chegou a me dizer: Professora, parecia que aquelas obras estavam entrando em mim", afirma. Um desses estudantes é Waldir Santos, 45 anos, que cursa o 2º ano do Ensino Médio. Ele é conhecido na escola como "o poeta" e, apesar de trabalhar na área comercial, revela que tem guardado um extenso acervo de suas produções literárias. "O projeto sobre a Semana de 22 serviu para ampliar os meus conhecimentos sobre os escritores modernistas e acalantar o sonho que tenho de um dia produzir um livro. Sei que a realidade é outra e muitas vezes até tento esquecer essa paixão pela literatura. Mas, quem sabe se um dia uma porta não se abre para mim?", almeja.

Os alunos do 6º ano da Escola Municipal Olímpia do Couto, em Irajá, também estiveram na exposição de Tarsila, no CCBB, acompanhados da professora Sandra Vasconcelos. Ela pretende desenvolver ao longo do ano um projeto interdisciplinar sobre a Semana de 22. "A visita à exposição foi o fato desencadeador. As crianças são muito curiosas e, a partir das perguntas que elas fizerem, iremos trabalhar Literatura, História, Geografia, Artes, Música e até Matemática, com uma linha do tempo dos fatos mais marcantes", justifica. Ana Carolina Duarte, gestora de projetos do bairro educador, atua na escola e pretende propor releituras de obras modernistas, contextualizando o que aprendeu durante a visita ao centro cultural. "A ideia é trabalhar com as crianças

os estilos e as técnicas empregadas, assim como tentar descobrir o que os autores queriam retratar nos seus quadros", finaliza. ■



Colégio Estadual Amazonas
Estrada Rio-São Paulo, 1802 – Campo Grande – RJ
CEP: 23075-240
Tel.: (21) 2416-1172
E-mail: gfrancisco@prof.educacao.rj.gov.br
Diretora: Gilda Francisco de Oliveira Silva

Escola Municipal Olímpia do Couto
Rua Canudos, s/nº – Irajá – RJ
CEP: 21241-450
Tel.: (21) 3372-5655
E-mail: olimpiadocouto@ig.com.br
Diretora: Ana Maria Fernandes Campos

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 – Centro – RJ
Tel.: (21) 3808-2020

Fotos: Tony Carvalho

Agenda do Professor



Appai

Tel.: (21) 3983-3200 – Portal: www.appai.org.br/ciclo/form.asp

Inscrição – e-mail: treinamento@appai.org.br



As Inter-relações entre o Comportamento Infantil e os Transtornos de Aprendizagem

Data: 02/06/2012 – sábado
Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: apresentar aos profissionais de Educação os transtornos comportamentais e de aprendizagem, e de que forma eles podem interferir diretamente no aprendizado formal.

Palestrante: Dra. Gabriela Dias e Kátia Badin
Tipo de evento: palestra



Síndrome de Burnout: Adoecimento Docente

Data: 28/06/2012 – quinta-feira
Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: abordar a Síndrome de Burnout e seu impacto sobre a saúde do professor através do estudo da etiologia da síndrome, dos principais indicadores, fatores contribuintes e das técnicas de enfrentamento do Burnout.

Palestrante: Gisele Levy
Tipo de evento: palestra



A Judicialização das Relações Escolares na Visão dos Educadores

Data: 13/06/2012 – quarta-feira
Horário: 13 às 17h

Objetivo: apresentar o fenômeno que chamamos judicialização das relações escolares, que se caracteriza pela ação da Justiça no universo da escola e das relações escolares.

Palestrante: Álvaro Chrispino
Tipo de evento: palestra



Comportamento Bullying e Transtornos de Conduta

Data: 30/06/2012 – sábado
Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: proporcionar acesso ao conhecimento das formas de identificação dos principais problemas relacionados ao Bullying e aos transtornos de conduta, suas características, efeitos e consequências; orientar os pais e professores em como buscar tratamento e como podem agir na condição de mediadores na relação com alunos que necessitam aprender a controlar o comportamento e os impulsos.

Palestrante: Dr. Gustavo Teixeira
Tipo de evento: palestra



Cultura, Representações e Educação Ambiental: Confluências e Práticas Educativas

Data: 14/06/2012 – quinta-feira
Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: discutir as questões socioambientais contemporâneas com a finalidade de dar sustentação ao desenvolvimento de projetos e atividades voltadas às práticas educativas ambientais críticas e participativas em classes de todos os níveis e modalidades educativas; propor o trabalho com as representações sociais (textos e imagens) dos sujeitos envolvidos nos processos educativos sobre o meio ambiente e a educação ambiental para o desenvolvimento de projetos escolares e comunitários com e por crianças, jovens e adultos.

Palestrante: Lincoln Tavares Silva
Tipo de evento: palestra



Autismos

Data: 16/06/2012 – sábado
Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: apresentar os diferentes espectros do autismo, refletindo sobre as possibilidades, intervenções e ações inclusivas dos portadores desses transtornos invasivos do desenvolvimento.

Palestrante: Dr. Jair de Moraes
Tipo de evento: palestra



Piaget e Vygotsky: Confrontos, Conflitos, Diálogos e muitas Contribuições

Data: 27/06/2012 – quarta-feira
Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: refletir sobre as possibilidades e limites das teorias vygotskyana e piagetiana, discriminando o sujeito do conhecimento e o sujeito das inter-relações no processo educativo.

Palestrante: Hebe Goldfeld
Tipo de evento: palestra

Alguns temas previstos para julho aguardar agenda

A Voz do Professor: a Preservação da Saúde Vocal

Objetivo: proporcionar ao professor conhecimentos gerais sobre os fatores de risco para a voz; informar sobre as medidas salutaras para a manutenção da saúde vocal etc.

Família e Escola: uma Relação Importante na Promoção da Aprendizagem e na Superação de Dificuldades

Objetivo: discutir sobre as funções da família e da escola na promoção do desenvolvimento e da aprendizagem da criança e do adolescente.

Gestão Escolar: Cenários e Questões

Objetivo: contribuir para a formação inicial e continuada de profissionais da educação a partir dos debates e reflexões presentes no campo, cenários e questões da Gestão Escolar.

Interfaces entre o Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita

Objetivo: proporcionar aos profissionais de Educação o conhecimento dos estágios do desenvolvimento da linguagem oral, os quais se tornam imprescindíveis para o aprendizado do código escrito.

O Estresse do Professor

Objetivo: conhecer o que é estresse, sintomas, fases e fontes comuns de estresse do professor, identificá-lo em si mesmo e nos alunos e aprender a lidar com o estresse no dia a dia e no exercício da profissão acadêmica.

Bases Psicomotoras do Desenvolvimento Infantil

Objetivo: refletir sobre a infância, reconhecendo as bases psicomotoras que sustentam a formação da subjetividade, das capacidades cognitivas e sociais. Ampliar a compreensão desta fase da Espiral do Desenvolvimento para o aperfeiçoamento das práticas docentes.

Palestra para agosto aguardar agenda

Dislexia na Sala de Aula

Objetivo: Ajudar os profissionais de Educação a identificar e lidar com alunos que apresentem Dislexia. Curso promovido pelo Centro de Dislexia da URFJ e AND, apoiado pela Appai.



Saindo da **mira** do **mosquito**

Projeto mostra Educação como promotora de atitudes eficazes à saúde pública

Claudia Sanches

No início de 2012, funcionários do Colégio Estadual São José, localizado em Cachoeiras de Macacu, foram surpreendidos por uma triste notícia: quatro casos de malária detectados no município, um deles nas imediações da escola. Apesar do pequeno número de vítimas, professores consideraram que alguma atitude tinha que ser tomada. Com objetivo de impedir que a comunidade sofra com mais uma doença, a equipe pedagógica criou o projeto *Saindo da mira do mosquito*, desenvolvido com as turmas de Ensino Fundamental e Médio.

“Decidimos tomar medidas educativas partindo do princípio de que a eficiência de qualquer ação depende de informação correta e precisa. Para isso, decidiu-se fazer um trabalho de cunho informativo a respeito da malária com todos os alunos da escola”, justifica a diretora Célia Macedo.

Durante o planejamento em fevereiro o corpo docente elaborou as propostas do programa, levadas à direção. Através da apresentação de palestras e *slides* para cada um dos segmentos de ensino, a ideia era despertar o educando para a questão. O material mostrou os principais aspectos relativos à malária, dando ênfase ao agente transmissor – o mosquito do gênero *Anopheles* –, à forma de transmissão, sintomas, tratamento e, especialmente, às medidas de caráter preventivo, como a eliminação dos focos de reprodução do mosquito e a conduta correta das pessoas em busca do tratamento para a doença.

Aderindo à causa

Carlos Barnabé Figueiredo, que leciona História, conhece muito bem a região desde a fundação da

escola. Ao descobrir, através dos *slides*, os casos de malária, se engajou de cara no projeto, oferecendo a sua contribuição, já que vivenciou, há três décadas, um período de doenças infectocontagiosas no município.

Os casos de malária em Cachoeiras de Macacu inspiraram um outro tema: a dengue, atualizando um movimento que acontece na escola todos os anos, já que a moléstia vem há mais de uma década provocando um grande número de óbitos. Os educadores decidiram implementar, além de ações de natureza educativa, atividades de cunho operacional, com a realização de oficinas para a produção de armadilhas para o mosquito *Aedes aegypti* utilizando garrafas *pet* e estimulando a reciclagem de agentes poluidores do meio ambiente.

Além de divulgar informações a respeito da prevenção a equipe realizou um levantamento de dados sobre a incidência das doenças na região, fez o mapeamento dos resultados obtidos na captura das espécies e determinou os procedimentos corretos a serem adotados em relação à busca de tratamento médico.

Apesar de o conteúdo ser da área de Ciências, o professor de Biologia, Antônio Edésio, ressalta o caráter interdisciplinar do trabalho, que contou com a participação de docentes de todas as áreas do conhecimento. A ideia é a promoção da saúde pública em vários aspectos, através dos mais diversos campos do saber. O professor João Araújo, de Matemática, colaborou com os cálculos dos dados recolhidos das estatísticas e perímetros, e professores de Português deram assistência na redação dos *fôlderes*.

Em uma das apresentações Barnabé chamou atenção para o lado histórico da questão. Na região muitos casos de óbitos por malária e febre amarela

foram registrados no passado, o que aumenta a importância de se ter informação adequada sobre a doença, ações preventivas e busca de tratamento adequado: “O nome do bairro, São José da Boa Morte, remonta aos casos de mortalidade por doenças endêmicas como essas”, conta.

De acordo com a conclusão dos estudos, a existência de casos de malária na localidade, doença

que estava erradicada há tempos, é explicada pela construção de um dos maiores complexos petroquímicos do país, que traz um fluxo muito grande de pessoas de regiões onde a malária tem presença permanente. Entre outros fatores, também foram citados o desmatamento da mata nativa, que provoca o deslocamento do agente transmissor da doença para locais onde o homem habita, e o descuido das pessoas com os criadouros de mosquitos, o que aumenta a chance de se adquirir a doença.

Para finalizar o trimestre as turmas participam de oficinas de montagem de armadilhas para aprisionar os mosquitos, a partir de garrafas *pet* nas aulas de Arte. A intenção é que sejam utilizadas na escola, nas

residências dos alunos e com habitantes do entorno. Existem várias técnicas de montagem do utensílio, que deve ser colocado em casas e quintais, em local em que não haja exposição ao sol. Outra tarefa paralela foi a confecção de folhetos explicativos para serem distribuídos com informações sobre os perigos, a prevenção e a conduta a ser adotada no caso de suspeita de se estar doente.

As atividades são também uma lição de superação para os participantes. O colégio, que se situa em uma zona rural, ainda enfrenta muitas dificuldades, como a falta de instalações adequadas para os laboratórios de Informática e Ciências. Apesar disso, as deficiências se tornam um desafio para os educadores, que contam com a ajuda da escola: “É importante lembrar o papel da direção no apoio e desenvolvimento do projeto, além do incentivo para a realização de ações que despertem os alunos para a responsabilidade social e cidadania”.

Colégio Estadual São José
Estrada RJ 122 – Estrada Nova Friburgo – Bairro São José da Boa Morte – Cachoeiras de Macacu/RJ
CEP: 28680-000
Tel.: (21) 9218-8390
E-mail: celiaprof@uol.com.br
Diretora: Célia Macedo

Alguns sintomas da Malária

- Dores de cabeça
- Febre
- Fadiga e dor muscular
- Dores lombares
- Calafrios e sudorese na epiderme
- Tosse seca
- Alargamento do baço
- Ânsia de vômitos

Protozoário parasita do gênero *plasmodium falciparum* em forma de anel e gametócitos no sangue humano.

Pupa do mosquito: A parte superior (2 mm de largura). No canto superior direito, as partes do olho e da boca podem ser reconhecidas.

Larvas do mosquito (8 mm de comprimento). Típicas são a cor esverdeada e uma posição de repouso paralela à superfície da água.

Informações: Wikipédia, A Enciclopédia Livre – <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mal%C3%A1ria>



História Real

Projeto leva príncipe da Família Real à escola

Claudia Sanches

Sentar na mureta de proteção do Chafariz da Praça XV e olhar para o “mergulhão” pode ser um “programa de índio”, mas a coisa muda de figura quando o local é alvo das comemorações do Bicentenário da Chegada da Família Real ao Rio de Janeiro. Como entrar no pensamento de tantos que por aqui aportaram em 1808? Missão impossível! Mas a curiosidade aflora.

A indagação da professora de História Rosemar Saraiva é inspiração para o projeto *Do príncipe Real à Família Imperial*, realizado na E. M. D. Pedro I desde 2007. Ao longo da sua carreira no magistério, ela foi sentindo o desinteresse dos alunos pela disciplina. Os livros didáticos não despertavam a curiosidade da garotada: “Seja por uma linguagem distante do contexto da vida ou pelo tipo de abordagem da História do Brasil. Notei até mesmo uma certa crueldade com que alguns autores tratavam os temas do Império”, revela.

A oportunidade de romper com essa realidade foram os festejos do Bicentenário da Chegada da Família Real ao Brasil. Mas a continuidade do trabalho, com as turmas do 6º, 7º e 8º anos, foi garantida graças à paixão da professora Rosemar e da coordenadora pedagógica Marleyde Fernando pela história do Brasil Imperial.

Na busca de biografias, as educadoras procuraram aprofundar seus conhecimentos através de diversos olhares: começaram a pesquisar obras antigas, garimpando sebos, inclusive os virtuais, e peregrinaram por espaços culturais. O objetivo era saber: quem era afinal D. Pedro II? A paixão foi crescendo à medida que a investigação prosseguia: “Os Bragança iam ganhando contornos reais para nós. Compartilhamos de suas angústias e tristezas. Interagimos com personagens quase desconhecidos como Múcio Teixeira (Barão de Ergonte), Visconde de Taunay e Conde de Afonso Celso (amigo do último Imperador e parlamentar), além de termos contato com obras interessantes no *site* “Domínio Público”.

A comunidade escolar se deparou com muitas descobertas instigantes. Rosemar lembra que poucos conhecem o D. Pedro I que dormiu em tábuas nas suas campanhas de guerra no exército e passou por situações difíceis, impelido a ser monarca de três reinos. Já a coordenadora pedagógica se encantou com as memórias de D. Pedro II, quando pôde ter acesso ao seu diário, cedido pelo Arquivo Histórico Nacional: “Mesmo a distância, ele se interessava muito por sua terra natal. Em Portugal, procurava ler todos os dias notícias sobre o Brasil, com esperança de voltar”.

As professoras participaram de um curso no Centro de Referência em Educação Pública do Rio de Janeiro com a historiadora Maria Del Priore, apoiado na teoria de Célestin Freinet, segundo a qual o interesse da criança está fora e não dentro da escola. A partir daí os estudantes começaram as visitas das obras de revitalização da antiga catedral metropolitana do Rio de Janeiro – Ordem 1ª do Carmo, onde conheceram técnicas de restauração de talhas de madeira, de douramento e tiveram acesso a sítios arqueológicos. As turmas participaram de oficinas na igreja, onde aprenderam a confeccionar oratórios com caixas de fósforos, no Espaço Cultural da Praça XV.





O fechamento do projeto foi a Semana Cultural: alunos expuseram produções baseadas nas imagens do período colonial e imperial inspiradas nas pranchas de Debret e Rugendas. Durante o evento as equipes ministraram oficinas de confecção de oratório para a comunidade, falaram sobre a história da igreja do Carmo e de seu entorno, atual Praça XV, como palcos da vida social, política e econômica do Império, relatando o dia a dia da corte e dos súditos.

Um príncipe na escola

Em 2011, a equipe pedagógica realizou o trabalho em parceria com as disciplinas de História, Geografia, Educação Física, Música, Língua Portuguesa e Matemática. Na culminância o colégio contou com a visita do

Príncipe D. João de Orleans e Bragança, tetravô de D. Pedro I, o patrono da escola. Os alunos perguntaram bastante e satisfizeram suas curiosidades sobre o seu estilo de vida e atividade profissional. Houve número de dança minueto, coreografada pela professora Ana Paola Basílio, de Educação Física, e apresentação da 9ª sinfonia, de Beethoven, e da obra Musette, de Bach, na flauta doce, sob a orientação da professora Simone Moreira, de Educação Musical.

De acordo com Ana Paola, a vivência de uma dança da época, que focava atitudes de cordialidade, foi importante para a integração dos grupos: "Gostei da parceria dos professores. Percebeu-se o resultado, em relação aos alunos, que demonstraram interesse em participar de novos eventos". A professora de Geografia Silvina Leal ressaltou que a visita do príncipe D. João foi uma oportunidade única para os alunos, professores e funcionários, porque desmistificou a imagem da realeza, encurtou distâncias geográficas e socioeconômicas, e aproximou os estudantes da História: "Através de questionamentos e curiosidades tivemos oportunidade de desfrutar da companhia agradável, generosa, simpática e tradicional de um príncipe moderno e consciente, e os jovens se perceberam como construtores dessa história. Alguns queriam saber se ele morava em um castelo e montava cavalos, porém ficaram mais à vontade ao tomarem conhecimento de que vossa alteza praticava surfe", conta Silvina.

História viva na Era Digital

O professor tem a oportunidade de mostrar a história dos povos sul-americanos e suas relações com o continente europeu de forma mais concreta e dinâmica. A Biblioteca Nacional disponibiliza na BN Digital peças que contam a história da América Latina. Um bom exemplo é um documento que completa 160 anos no dia 17 de abril. Trata-se de uma carta enviada pela rainha Vitória da Inglaterra a Carlos Antonio Lopez, presidente do Paraguai. A correspondência apresenta Charles Hotthan, capitão da marinha inglesa, como mediador do Tratado da Amizade, Comércio e Navegação entre os dois países. Escrito em língua inglesa, ele revela a importância das nações da América no contexto mundial e chama atenção pela delicadeza do manuscrito. Vale a pena conhecer a raridade com seus alunos. É só acessar <http://bit.ly/HOF>



Escola Municipal Dom Pedro I
Praça Soldado Geraldo Cruz, nº 50 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22620-320
Tel.: (21) 2484-6095
E-mail: emdpedro@rioeduca.net
Diretor: Helson Patury e Souza
Fotos cedidas pela escola



História na prática

Alunos voltam ao passado e aprendem a medir o tempo como faziam nossos ancestrais

Marcela Figueiredo

“**P**rofessora, para que eu preciso saber do passado se eu não vivi naquela época?” Quando a disciplina em questão é História, não há professor que nunca tenha sido questionado por um aluno dessa forma.

Caísa Porto leciona em três unidades escolares e já perdeu as contas de quantas vezes teve que responder perguntas desse tipo. “Todos os anos, em todas as turmas, os alunos levantam essa questão”, afirma a professora. Para fazer com que os estudantes entendam que estudar o passado é importante para compreender o presente e o futuro, ela desenvolve atividades nas quais eles possam ter instrumentos que concretizem o conteúdo da aula.

Para explicar a passagem do tempo, por exemplo, ela trabalhou com as turmas as primeiras formas que o homem encontrou para medi-lo. Em uma aula expositiva ela apresentou diferentes relógios, inclusive os de bolso, de pulso e de parede. Partindo dos modelos que são utilizados atualmente, a professora voltou na história e chegou aos primeiros objetos como a ampulheta, também conhecida como relógio de areia: “O objetivo era fazer com que eles entendessem como nossos antepassados mediam o tempo e vivenciassem isso”, salienta Caísa.

Além da atividade expositiva, os estudantes realizaram pesquisas sobre os vários tipos de

relógio: quem foram seus inventores e quem costumava utilizá-los. Feito isso e já com a atenção dos alunos voltada para o conteúdo da disciplina, a professora os orientou a montarem ampulhetas com material reciclado. Com garrafa *pet*, fita adesiva, areia e pedaços de madeira as crianças montaram dezenas delas e conheceram na prática a forma como o tempo era medido até a invenção do relógio. Todas as ampulhetas foram expostas no colégio para que todos os estudantes pudessem observar o material produzido e aprender como nossos antepassados se relacionavam com as horas.

A ampulheta é um dos instrumentos de medição mais antigos e sua invenção é atribuída a um monge da cidade de Chartres, de nome Luitprand, que viveu no século VIII. No entanto, as primeiras referências a este tipo de objeto aparecem apenas no século XIV. É formada por dois cones ocios de vidro, unidos pelo gargalo, de modo a deixar passar a



areia de um para outro num determinado intervalo de tempo, através de um orifício. Para proteger o conjunto era usada uma armação de madeira. A ampulheta era muito utilizada em comércio e em igrejas, enquanto na Arte costumava simbolizar a transitoriedade da vida.

Caísa desenvolveu o trabalho nas sete turmas de sexto ano em que leciona e afirma que fazer com que os estudantes apreciem o conteúdo

da disciplina não é tarefa fácil, mas é possível: “Existe certa dificuldade em fazer com que eles se interessem pelos temas de História. Eu senti necessidade de mudar isso, de levá-los a perceber que entender o passado ajuda a compreender o futuro, e que a disciplina é importante”, explica. Fazer com que os alunos se transformassem em produtores do conhecimento através da habilidade

Ampulhetas produzidas com material reciclado. Os objetos ficaram expostos no laboratório da escola



de produzir o material utilizado há séculos foi o método encontrado pela professora para levar os educandos a se interessarem pela aula.

Eapam – Escola Adventista de Padre Miguel
Estrada de Realengo, 365 – Padre Miguel – Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 3159-4795
Diretora: Luciene Dias

Eanig – Escola Adventista de Nova Iguaçu
Rua Presidente Sodré, 257 – Centro – Nova Iguaçu/RJ
Tel.: (21) 2667-4070
Diretora: Gabriela Wolf

Cesc – Centro Educacional Senador Camará
Rua São Salvador, 38 – Posse – Nova Iguaçu/RJ
Tel.: (21) 3102-0544
Diretora: Marlúcia Maia

Fotos cedidas pela professora Ca sa.



Escola de leitores



Uma viagem com passaporte para o mundo da interpretação

Claudia Sanches

Levar as crianças ao universo dos livros de uma forma lúdica e incorporar a leitura a sua vida. Foi com esse objetivo que educadores da Escola Municipal Doutor Mário Augusto Teixeira de Freitas começaram a desenvolver o projeto *Viajando pelo mundo da leitura* com alunos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental.

Visando um maior aproveitamento do tempo, trabalhando com grupos menores, os professores se esquematizam em forma de rodízio. Cada dia da semana uma turma vai à biblioteca e à sala de Informática. Enquanto metade do grupo pesquisa os livros, a outra parte utiliza a Internet. A parceria com os professores de Informática tem otimizado bastante o trabalho, de acordo com a professora de sala de leitura Elizabete Rodrigues. Com o tema "Livro infantil", explorando no primeiro bimestre a biografia de alguns escritores, eles conheceram Monteiro Lobato, Cecília Meirelles, Ziraldo, Vinícius de Moraes e Ruth Rocha, além de participarem de oficinas de poesia e *origami* e produções textuais. A coordenadora do colégio Rosaura D'Ávila acredita no livro como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento e crescimento do ser humano: "Nesse contexto de maior tranquilidade e paz, nós educadores e esses discentes temos agora acesso a esse projeto com literatura, que dá oportunidade aos estudantes de abrirem seus horizontes e sonharem com um mundo melhor. Os docentes também estão muito motivados com os programas e investimentos na Educação", afirma.

Na biblioteca a garotada se diverte enquanto escolhe os títulos ou autores. O pequeno Cauã, do 4º ano, participa das atividades em busca de poesias e encontra um livro de Vinícius de Moraes. "Gostei mais dessa poesia, tia, ela fala de animais e tem muitas rimas", diz o menino a Elizabete, se referindo ao texto "São Francisco". Além da leitura e contação de histórias, eles podem se divertir com desenhos, pinturas, e confeccionar seus próprios livros com auxílio dos professores. O segundo momento acontece no laboratório de Informática, onde o professor Rafael Bastos ensina os alunos através de programas de jogos, quadrinhos e desenhos. Os pequenos aprendem as operações de "cortar e colar" gravuras para ilustrar os textos de escritores que eles pesquisaram: "Nós vamos poder imprimir?", pergunta Alex, do 3º ano, ansioso para ver sua produção no papel.

Na Semana do Livro Infantil, que coincidiu com o Dia do Índio, as turmas prestaram uma homenagem à literatura brasileira através de poesias com temas indígenas e abordagem de sua situação atual. Os professores realizaram um sarau em que, pela primeira vez na vida, as crianças liam em voz alta poesias da "Arca de Noé", e de Cecília Meirelles, que arrancaram lágrimas da plateia. "Foi uma novidade para esses pequeninos. Sinto que eles se aproximaram mais



Professores da municipal Dr. Mario Augusto buscam na poesia e na literatura infantil a disseminação do prazer de ler



onde eles registram as obras que leem". A diretora Eliza Fernandes avalia que os esforços vêm contribuindo para a motivação dos educadores e educandos e frisa o papel libertador que o ato de ler proporciona: "Nossa escola é literalmente voltada para a leitura. Em todas as datas festi-

vas, Dia das Mães, por exemplo, sempre tem uma história. O interesse do alunado estimula o corpo docente. É importante que a escola apresente essa experiência que dá ao cidadão a chave do pensamento crítico".

Mês da Literatura Infantil

"Um país se faz com homens e livros". A célebre frase de Monteiro Lobato traduz a importância da leitura na formação de um cidadão. O mês de abril é especial para a Literatura Infantil e o livro no Brasil, pois se comemora 130 anos do nascimento do criador do Sítio do Pica-Pau-Amarelo de Monteiro Lobato. Nascido no dia 18 de abril de 1882, sonhou muito e dedicou sua vida a causas nacionalistas: criticou os estrangeirismos e os modelos importados, defendeu a ideia de que o petróleo seria a salvação de nosso país e até fundou uma empresa petrolífera. Mas o jornalista e escritor traduziu como ninguém a identidade brasileira. Apesar de suas habilidades multifacetadas, o gênio é lembrado por sua obra infanto-juvenil, que permeia várias gerações com personagens como a Emília, Dona Benta, Pedrinho, entre outros. Não é à toa que nessa data se comemora o Dia Nacional do Livro Infanto-juvenil. No Rio, a Feira Nacional do Livro Infanto-juvenil (FNLIJ) aconteceu no Centro de Convenções Sul-América e, durante o evento, os visitantes participaram de muitas atrações, como palestras e seminários, além de poderem conferir lançamentos de livros. ■

dos livros, que gostam de ter esse contato, mostram curiosidade, basta proporcionar o momento", afirma Elizabete. "A oralidade é uma oportunidade de eles se ouvirem e trabalharem questões como a pontuação, as pausas", completa Rosaura. "Percebi esse ano que eles têm gosto pela leitura e pela pesquisa, por conta própria, e agora leem as provas, o que muitas vezes não faziam", acrescenta Fátima Golfetto, que leciona para o 4º ano.

A coordenadora ressalta que a ideia é formar indivíduos que leiam com prazer e não por obrigação. Para isso os professores demonstram uma preocupação especial na hora de selecionar os títulos que disponibilizam em uma caixa de livros em todas as salas: "Em cada uma delas temos uma caixa com 40 obras, todas trazendo livros de tamanhos e temas diversos para alcançar a todos os perfis, variados e coloridos. Temos também um quadro

E.M. Doutor Mário Augusto Teixeira de Freitas
Praça Ibae, s/nº – Engenho Novo – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20715-100
Tel.: (21) 3278-4125
E-mail: emfreitas@rioeduca.net
Diretora: Eliza Fernandes
Fotos: Marcelo Ávila



Todo dia era dia de índio

Alunos da Educação Infantil ampliam seus conhecimentos sobre a cultura indígena

Antônia Lúcia

De acordo com os historiadores, muito antes do primeiro contato com o homem branco, os índios já dominavam as terras brasileiras. As tribos tupi-guaranis (região do litoral), macro-jê ou tapuias (região do Planalto Central), aruaques e caraíbas (Amazônia), juntas somavam cerca de aproximadamente 5 milhões de nativos. Um número bastante considerável para quem, nos dias atuais, precisa provar diariamente a sua legitimidade como filhos da terra.

A fim de disseminar sua história, heranças, origens e hábitos, por nós desconhecidos, a professora de Educação Infantil Ariadne Moraes Valentim Marques, da Escola Municipal Raul Francisco Ryff, em Senador Camará, desenvolveu entre seus alunos das séries iniciais o projeto *Índio, filho da Terra*. Ela explicou que o fator motivador para a realização do trabalho entre os pequenos consistiu na necessidade de mostrar a eles que era possível identificar a pluralidade cultural que existe em nossa cidade, em nosso estado e até mesmo em nossa comunidade escolar. "Temos descendentes de índios, com aspectos físicos e peculiaridades que os distinguem e igualmente os caracterizam como pessoas importantes no contexto e na formação do nosso povo", argumenta Ariadne.

Levando em conta o conhecimento de mundo dos alunos da Educação Infantil, a professora optou pelo uso de vídeos, revistas, livros e outros periódicos para explicitar alguns aspectos simples, porém relacionados ao cotidiano da vida em uma comunidade indígena completamente desconhecida pelas crianças. À medida que os ensinamentos eram passados, mais curiosos os pequenos se mostravam em aprender sobre essa cultura.

"Buscamos simular as atividades realizadas por comunidades indígenas, conforme o que pesquisamos,



elaborando uma série de atividades relacionadas aos hábitos, costumes, vestimentas, artefatos e outros aspectos alusivos a esse povo", relembra a bisneta e neta de indígenas, miscigenados a italianos, portugueses e espanhóis. "Não pude deixar de me conduzir por caminhos e veredas que levaram à curiosidade, ao despertar e ao resgate de tão rica cultura, que vai muito além das 'caras pintadas', penugens e rituais 'mágicos'", relata.

Objetivos do Projeto

Mais do que levar novos conhecimentos, o projeto visou identificar as características gerais dos nossos povos mais antigos, reconhecendo as diferenças exis-



As brincadeiras, leituras e contação de histórias serviram para mostrar aos alunos das séries iniciais o quanto a cultura indígena está presente em seus cotidianos



tentes entre a realidade urbana (na comunidade, no bairro, na cidade) e o estilo de vida em uma comunidade indígena. Em sala, os alunos listaram as diferenças de tipos de trabalho que são realizados em ambas as culturas, identificaram a estrutura organizacional de uma aldeia (comunidade indígena) e suas características próprias. "Entendemos que essa vivência de atividades feita em conjunto com os responsáveis possibilita a integração da família com a pesquisa de hábitos indígenas, propiciando ao aluno a apropriação da história e costumes que foram perpetuados na cultura do nosso povo, como herança dos primeiros brasileiros", afirma Ariadne, lembrando que uma das atividades do projeto era fazer com que cada aluno tivesse a incumbência de recolher de seus familiares

e amigos objetos com características indígenas para a mostra realizada na escola.

Aula prática

As leituras sobre as lendas indígenas deram base para a criançada discutir as necessidades de se preservar o meio ambiente, estabelecer a relação desses povos e seu hábitat e, sobretudo, ampliar o léxico da turma identificando as palavras de origem indígena que estão incorporadas em nosso vocabulário. Um dos alunos ficou surpreso ao descobrir que no Estado do Rio de Janeiro também há reservas indígenas. "Não sabia que eles moravam tão perto", falou o estudante bastante admirado não só pela proximidade, mas em saber que os índios desempenham atividades econômicas como a agricultura e a pesca, as quais são exercidas também por muitas pessoas da cidade.

Em sala, no Cantinho de Atividades, os trabalhos de pintura, desenho, contos e leitura, recorte, colagem e da confecção de cocar, tanga, colar com macarrão e penas coloridas acerca do cotidiano dos índios davam um colorido a mais na aquisição do conhecimento dos pequenos. Na ampliação do sistema ortográfico as atividades de leitura e desenvolvimento de textos, tais como a escrita de palavras e nomes de origem indígena, ajudavam no desenvolvimento da Língua Materna. Em Matemática o estudo das formas geométricas e da organização estrutural de uma comunidade indígena levou os alunos a refletirem sobre os números e formas. As músicas "O índio" (Zé Zuca); "1,2,3 indiozinhos" e a "Festa de índio" (Xuxa) também deram as suas contribuições ao projeto, servindo como ferramenta no aprimoramento da criatividade, da sensibilidade e da integração dos alunos durante a realização das atividades.

Na opinião da idealizadora do projeto, as metas propostas foram alcançadas, na medida em que as crianças avançaram no conhecimento a respeito de uma nova cultura, bem como na ampliação de um maior contato visual, lúdico, tátil e social das diferenças culturais, sua relevância e colaboração para a composição de uma cidade plural, rica e igualitária para todos os povos, raças, línguas e nações. Afinal, conclui a professora, somos todos diferentes, mas igualmente importantes. ■

Escola Municipal Raul Francisco Ryff
Estr. do Taquaral, 605 – Bangu – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21842-550
Tel.: (21) 3338-8571
E-mail: www.blogdaraul.blogspot.com
Professora: Ariadne Valentim
Fotos cedidas pela escola



“Amor ao Saber”

Professor de Filosofia escreve livro sobre práticas pedagógicas

Marcela Figueiredo

Com o objetivo de fornecer um material de apoio aos professores de Filosofia, Renato Velloso escreveu o livro *Lecionando Filosofia para Adolescentes – Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio*. Não se trata de uma teoria filosófica ou o estudo sobre determinado pensador: é um auxílio aos educadores, construído a partir da experiência de um professor que há 13 anos busca despertar em seus alunos o “amor ao saber”. Em entrevista à Revista Appai Educar, Velloso diz que uma professora da disciplina teve papel fundamental na sua escolha pela profissão, fala sobre os desafios de lecionar para adolescentes, conta como surgiu a ideia de escrever o livro e ressalta a necessidade de popularizar a Filosofia no país.



Professor Renato Velloso, autor do livro *Lecionando Filosofia para Adolescentes – Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio*

Revista Appai Educar: Como foi a sua experiência com a Filosofia quando ainda era aluno? Quais as suas lembranças daquela época?

Velloso: Quando estava no Ensino Médio, eu já tinha a certeza de que queria atuar na área de humanas, mas estava em dúvida entre Psicologia, História e Filosofia. Como eu sempre fui curioso e questionador, optei pela Filosofia. Além disso, tive uma ótima professora da disciplina, a Fátima David, no Curso Normal, o que influenciou bastante na minha decisão. Hoje, inclusive, somos colegas de trabalho, no Instituto de Educação Governador Roberto da Silveira, em Duque de Caxias. Quanto às minhas experiências como aluno da formação de professores, eu sempre tinha em mente fazer algo diferente quando me formasse. Sempre desejava que as aulas fossem mais dinâmicas e agradáveis. Hoje, tento propiciar momentos prazerosos de aprendizagem. E os meus alunos costumam gostar...(risos)

Educar: Hoje que o senhor está na posição de educador, qual a maior dificuldade ou desafio para um professor de Filosofia?

Velloso: A dificuldade existe em todas as matérias. Em geral, não existe mais aquele respeito pelo professor, pelo menos nos grandes centros urbanos. E os alunos vêm de famílias desfavorecidas e desestruturadas. No entanto, lecionando para adolescentes, ao longo desses anos,

Eu sempre tinha em mente fazer algo diferente quando me formasse. Sempre desejava que as aulas fossem mais dinâmicas e agradáveis. Hoje, tento fazer das minhas aulas momentos prazerosos de aprendizagem

eu aprendi a lidar com esta faixa etária. Quanto aos desafios, acho que são muitos e constantes. O tempo todo o professor tem que reinventar a sua aula e provar que nossa disciplina é tão importante quanto as outras, aliás, vale informar, todas as ciências surgiram da Filosofia.

Educar: Como surgiu a ideia de escrever o livro *Lecionando Filosofia para Adolescentes*?

Velloso: Quando comecei a lecionar, confesso que tinha muita dificuldade com essa faixa etária. Eu costumo falar com meus colegas de profissão que a licenciatura nos orienta “o que” lecionar, mas não “como” lecionar, principalmente para adolescentes. Além disso, quase não se encontra bibliografia disponível para o ensino básico. A ideia surgiu exatamente daí. Eu quis escrever um “manual” de apoio ao professor, voltado principalmente para aquele profissional

que está iniciando. Aliás, o livro todo é prático, com planos, estratégias e atividades para sala de aula. A minha obra tem enfoque filosófico, mas espero que ela sirva de auxílio para todos aqueles mestres que pretendem tornar as suas aulas mais atraentes. Tenho esperança de que a Filosofia e a Educação mudem o nosso Brasil.

Educar: Quais as características que um “filósofo-educador” deve ter ou desenvolver quando trabalha com adolescentes?

“O tempo todo o professor tem que reinventar a sua aula e provar que nossa disciplina é tão importante quanto as outras”

Velloso: Gostei do termo “filósofo-educador” (risos). Digo isto porque muitos filósofos jamais lecionaram no ensino básico, então não podem compreender esta realidade, isto é: o trabalho de ensinar para adolescentes. Ora, basta entender que só haverá filósofos se for oferecida esta disciplina aos educandos, e, claro, se houver boas aulas. Como características essenciais de um bom filósofo-educador, deve-se, primeiramente, gostar de trabalhar com jovens; há a necessidade igualmente de ser compreensivo, amigável, paciente, ético e, sobretudo, ter em mente que sua postura estará influenciando não só na formação intelectual ou cidadã, mas na vida pessoal desses alunos.



Alguns pensam que é impossível mudar este cenário alienante que reina em nosso país. Então, para quem está pessimista, aí vai um conselho: acredite na transformação do Brasil, mas não precisa ir tão longe. Comece pelo seu espaço, no seu horário, comece na sua sala de aula.

Educar: No seu livro o senhor fala que “a maioria dos alunos considera a Filosofia uma disciplina nobre ou inútil”. Como os filósofos poderiam atuar para que os adolescentes mudem esse conceito (ou pré-conceito)?

Velloso: É verdade. Por um lado, eles entendem que a Filosofia é um estudo nobre, no sentido platônico mesmo, de que eleva a alma ao mais alto grau de conhecimento. Por outro lado, eles consideram esta matéria inútil, porque não serviria como disciplina prática. Ora, isso é um equívoco. A Filosofia pode e deve ser aplicável a todas as áreas da vida. Aliás, ela é a pioneira em estudar a “Realidade”. Esse es-

tigma de “conhecimento inútil” deve-se a duas causas: primeiro, a Filosofia foi cerceada em todos os níveis durante a Ditadura Militar. Isso implica dizer que foram mais de vinte anos em que se deixou de fomentar o interesse pela Filosofia e, o pior, de formar novos profissionais. Segundo, houve um isolamento dos filósofos, cujos trabalhos ficaram concentrados nas universidades; em outras palavras, tornaram-se mais “acadêmicos” e menos voltados para o ensino básico. Tanto que quase não se vê publicações filosóficas para este nível de ensino. Mas hoje isso está mudando. Desde sua obrigatoriedade, em 2008 (artigo 36 da atual LDB), os educadores e muitos filósofos acadêmicos estão começando a entender que a Filosofia e a Sociologia são

“Acredite na transformação do Brasil, mas não precisa ir tão longe: comece pelo seu espaço, no seu horário, comece na sua sala de aula”

importantíssimas, não apenas como componentes curriculares no ensino básico, mas como disciplinas essenciais para a formação de cidadãos.

Educar: O senhor acredita na necessidade de uma aproximação maior dos filósofos com as pessoas?

Velloso: Claro! É exatamente isso que falta para a consolidação

da Filosofia no Brasil. Os filósofos precisam estar mais presentes nos debates, nos jornais, na TV, enfim, em toda a mídia. Observo que, quando se pergunta algo po-

Os educadores e muitos filósofos acadêmicos estão começando a entender que a Filosofia e a Sociologia são importantíssimas, não apenas como componentes curriculares no ensino básico, mas como disciplinas essenciais para a formação de cidadãos

lêmico, consulta-se especialistas de diversas áreas, porém quase nunca filósofos. Mas, onde estão eles? Apenas nas universidades. Isso só reforça o imaginário popular de que o filósofo é um estudioso metafísico afastado da realidade. Todavia, isso não é verdade. O filósofo é gente que está entre nós, e que pode fazer a diferença na sociedade. Para isso, o filósofo acadêmico necessita se aproximar mais da população, a começar pelos estudantes do Ensino Médio. Ele precisa enxergar que nossos jovens estão desorientados, e a Filosofia poderia servir como orientadora do dia a dia. Aliás, ela não ensina "o caminho", mas abre alternativas possíveis.

Educar: O senhor fala também que "agora é o momento de popularizar a Filosofia". Por quê?

Velloso: Eu sou a favor de uma "popularização" da Filosofia. Quero dizer que a Filosofia não deve ser assunto só da elite intelectual, mas de toda a população, pelo menos da maioria. Saber refletir, ponderar, criticar, analisar, interpretar e deliberar são atividades do pensamento presentes em todos, pois nós temos capacidade de raciocínio filosófico. Mas as pessoas, usualmente, têm preguiça de pensar. Eu observo isso no convívio com meus alunos. Contudo, tento mudar essa mentalidade. Por outro lado, quando falo de popularização da Filosofia, faço um apelo aos filósofos acadêmicos: à medida que for atendido o ensino básico, teremos, a médio prazo, alunos interessados em ingressar nos cursos universitários de Filosofia, e, por conseguinte, formando na disciplina. Consequentemente, mais professores ou pesquisadores em Filosofia. E, portanto, haverá novos filósofos.

Educar: O senhor dedica um capítulo inteiro do livro ao planejamento. Qual a importância dele para o bom desenvolvimento do processo pedagógico?

Velloso: Sempre é prudente planejar, pois se evita aulas improvisadas. Obviamente, isso não impede de o profissional inovar oportunamente em suas classes. E é bom lembrar que o planejamento é flexível. No meu livro, eu elaborei quatro inovadores métodos ou "vias" de ensino. São eles: através da História da

Filosofia, através das Áreas da Filosofia, através dos Filósofos e suas obras, e através de Temas ou Questões de Filosofia. Aliás, ele pode alternar ou mesclar os métodos de acordo com a sua realidade. E para cada um deles ou "via", eu elaborei um planejamento anual de ensino. Tentei fazer o mais completo possível, a fim de que o professor tenha toda orientação para o seu trabalho.

Educar: Já existe o projeto de um próximo livro? Se fosse escrever outro, qual seria a abordagem?

O filósofo acadêmico precisa se aproximar mais da população, a começar pelos estudantes do Ensino Médio

Velloso: Sim. Recentemente eu escrevi uma obra, também inédita, no ensino de Filosofia no Brasil, que se chama *200 exercícios de Filosofia*. Neste livro, além de exercícios objetivos, dedico um capítulo para estudantes que desejam obter êxito em concursos públicos, onde são apresentados a técnicas e condutas de estudo, isto é, aprendem "como estudar". O livro já está em análise na editora e talvez seja lançado em 2013.

Renato Velloso é Especialista e Mestrando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
E-mail: renatoreviver@ig.com.br

OLYMPIKUS
FAMILYRUN
6km - Corrida de Rua



8 de julho - 8h

Aterro do Flamengo
Próximo ao Porcão,
em frente ao Bar Belmonte

Informações em
appai.org.br



Os associados e beneficiários cadastrados devem entrar no Portal do Associado Appai, logando-se para acessar a página de inscrição no evento.

Após efetivada a inscrição, as ausências injustificadas poderão acarretar o bloqueio nos próximos eventos.

No dia da retirada dos kits levar:



2 latas de
leite em pó:



Comprovante
de inscrição



Identidade:



Carteira
Appai

O comprovante deve ser impresso no ato da inscrição

Atenção: as inscrições são destinadas apenas aos associados e beneficiários inscritos, individualmente, através da matrícula Appai.

Benefício de Assistência Funeral

Ligue **0800-023-4600**

Assistência Funeral **24 horas**

No caso de falecimento de uma das pessoas que façam parte do grupo segurado – associado colaborador, cônjuge, filhos menores de 21 (vinte e um) anos, pais dos associados colaboradores e beneficiários agregados –, basta uma ligação para o telefone **0800-023-4600** e nós cuidamos desde a liberação de documentos até a realização do funeral.



Revista Appai Educar

(Veículo de Apoio ao Profissional de Educação)



Seguro de Vida em Grupo e de Acidente Pessoal Coletivo



Serviço Social



Benefício de Educação Continuada

(Ciclo de Cursos e Palestras)



Benefício de Assistência Flex Domiciliar



Médico Ambulatorial Básico*

(sem internação)
(Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades)



Jurídico



Dança de Salão

(Atividade Recreativa)



Seguro para a Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Funeral



Odontológico Ambulatorial Básico*

(Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades)



BemViver Caminhadas e Corridas

ANS - Nº 38254-0

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais)

◆ Plano Hospitalar Coletivo ◆ Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

** Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

** A opção do desconto em folha estará disponível apenas para as Instituições que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

Siga-nos nas mídias sociais:



Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro
Rua Senador Dantas, 117 – sobreloja 211 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20031-911



(21) 3983-3200



appai.org.br



faleconosco@appai.org.br